

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
ESTUDOS DE MÍDIA COM ÊNFASE EM CINEMA E AUDIOVISUAL

CAROLINE BELO CUNHA DOS SANTOS

A METRÓPOLE "INVISÍVEL":
INTERAÇÕES DIGITAIS SOBRE A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA DE SÃO
PAULO NO INSTAGRAM DA ONG SP INVISÍVEL

RIO DE JANEIRO

2024

CAROLINE BELO CUNHA DOS SANTOS

A METRÓPOLE "INVISÍVEL":
INTERAÇÕES DIGITAIS SOBRE A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA DE SÃO
PAULO NO INSTAGRAM DA ONG SP INVISÍVEL

Monografia apresentada ao Curso de Estudos de
Mídia com ênfase em Cinema e Audiovisual, da
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro,
como requisito para obtenção de grau, sob
orientação da Professora Doutora Adriana Andrade
Braga.

RIO DE JANEIRO

2024

AGRADECIMENTOS

Em primeira instância, agradeço à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, por ter sido essencial durante o meu processo de formação acadêmica e profissional, bem como todos os aprendizados ao longo dos anos do curso. Sou grata ao CNPq e à Faperj, agências de fomento, pelo financiamento e vigência da minha bolsa de pesquisa na modalidade IT (PIBITI/CNPq), que possibilitou a realização deste trabalho e outros projetos nos seminários de iniciação científica e tecnológica. Também agradeço à Adriana Andrade Braga, minha querida orientadora, que esteve comigo desde 2021 me auxiliando no meu projeto de pesquisa com a sua inteligência e o seu capital social e intelectual, além de ter aberto diversas “portas” acadêmicas pelas quais, sozinha, eu não conseguiria passar. Nesta monografia, também contei, inicialmente, com a ajuda de Marina Michelis, doutoranda de Adriana que está fazendo estágio à docência, à qual eu gostaria de agradecer pelas sugestões e, agora, pela mais nova amizade e cumplicidade.

Aos professores, funcionários e meus amigos da PUC-Rio, que foram figuras fundamentais durante a minha trajetória acadêmica. Alguns nomes, por exemplo, jamais esquecerei: Nathália Rippel e Marcelo Capello, os melhores amigos doutorandos que o universo e a Universidade me deram; professores como Luciana Pereira, Lenivaldo Gomes, Rosi Marques, Gabriel Banaggia, Rafael Rusak e Tatiana Siciliano que, além de aumentarem o meu repertório teórico e me fornecerem oportunidades profissionais, foram meus amigos e compreenderam em demasia alguns obstáculos emocionais; à minha grande amiga Lorena de Souza que, além de ser a minha cartomante, esteve ao meu lado enquanto irmã de alma. Agradeço também à minha psicóloga Luana Mattos por ter me ajudado a passar da melhor maneira por momentos acadêmicos difíceis.

Aproveito para agradecer também ao Nelson, à Yzadora e à Mariana, co-fundadores do Rio Invisível, por terem me deixado na posição de co-diretora do projeto durante 3 (três) maravilhosos anos (2019-2021). Ao ir para a rua, recolher histórias, conversar com a população em situação de rua, postar nas redes sociais, recrutar voluntários, participar de mesas redondas e promover ações assistencialistas, cresci enquanto ser humano e pude entrar em contato com outras organizações, como o SP Invisível, e isso mudou a minha vida para sempre, sendo pauta de quase todos os meus projetos de pesquisa desde 2018 e voltando o meu olhar para a extrema pobreza. E agradeço à Letícia Messias, minha amiga, por aceitar o convite e ter embarcado comigo nessa aventura e escuta ativa de co-direção. Crescemos juntas e foi um período enriquecedor de compartilhamento de existências!

À minha família, especialmente à minha mãe Cíntia e à minha avó Vera, que estiveram comigo nos momentos mais árduos e nas noites mais longas, quando acreditaram em mim para concluir esta Segunda Graduação e obter o meu segundo diploma. Por exemplo, vale enfatizar que a epígrafe do meu primeiro Trabalho de Conclusão de Curso foi uma frase da minha avó, na qual ela dizia: "*Se fizermos tudo hoje, morreremos depressa. Sempre teremos que deixar algo para viver no dia seguinte*". Nesse sentido, devo dizer e ressaltar que, mesmo depois de quatro anos, ela continua tendo razão.

À espiritualidade, aos orixás, ao Anjo da Guarda, à Iemanjá, à falange dos Preto Velhos, Caboclos, Exus e todas as entidades que me ajudaram no processo de mentalização e me deram múltiplos avisos e, também, uma inenarrável proteção espiritual. Em especial, neste trabalho, o meu agradecimento aos Exus que são responsáveis espiritualmente pelo povo da rua, principalmente àqueles/as que encaram o espaço público como local de moradia e não somente como passagem. Obrigada por me protegerem e àqueles/as que não têm um lar. Este estudo é inteiramente dedicado a vocês. Laroyê!

"À medida que se rejeita a diferença, estamos rejeitando o próprio conceito de cidade."

(Sérgio Magalhães, Presidente do Instituto de
Arquitetos do Brasil — IAB)

RESUMO

No Brasil, a extrema pobreza é um problema social recorrente e intensificado durante a pandemia da COVID-19 (Aguiar e Iriart, 2012), estimando 281 mil pessoas dormindo nas ruas das grandes cidades brasileiras e mais de 62 mil na capital de São Paulo (Ipea, 2023; G1, 2024). Neste estudo de caso, observamos o perfil da ONG SP Invisível no Instagram, com foco nas interações digitais em postagens sobre a população em situação de rua no início do período pandêmico, em 2020. Propomos descrever e interpretar as características da interação on-line entre internautas comuns em publicações sobre pessoas que vivem em extrema vulnerabilidade social, buscando compreender como participantes entendem essas pessoas e como negociam sentidos na definição de realidade que pretendem mudar, com base na perspectiva ecológica das mídias e nas teorias da interação social. Como resultado, foram estipuladas as seguintes categorias analíticas: a) "A humanidade falhou": julgar e punir; b) "Botocadas e fúteis": o pequeno mundo dos privilégios; c) Deus, Jesus e amor como salvação; d) e "Somos luzes que faíscam no caos": distinção e crítica social.

Palavras-chave: População em situação de rua. Interações digitais. Estudo de caso. Ecologia das Mídias. Interacionismo Simbólico.

ABSTRACT

In Brazil, extreme poverty is a recurring and intensified social problem during the COVID-19 pandemic (Aguilar and Iriart, 2012), estimating 281 thousand people sleeping on the streets of large Brazilian cities and more than 62 thousand in the capital of São Paulo (Ipea, 2023; G1, 2024). We observed the profile of the NGO SP Invisível on Instagram, focusing on digital interactions in posts about the homeless population at the beginning of the pandemic period, in 2020. We propose to describe characteristics of online interaction between common participants in publications about people living in extreme social vulnerability, seeking to understand how participants in the NGO profile represent these people and how they negotiate meanings in defining the reality they intend to change, based on the media ecology perspective and social interaction theories. As a result, the following analytical categories were stipulated: a) "Humanity has failed": judge and punish; b) "Bullshits and futile": the small world of privileges; c) God, Jesus and love as salvation; d) and "We are lights that spark in chaos": distinction and social criticism.

Keywords: Homeless people. Digital interactions. Case study. Media Ecology. Symbolic Interactionism.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Perfil do Instagram da ONG SP Invisível	35
Imagem 2 - Caso concreto 01	37
Imagem 3 - Caso concreto 02	39
Imagem 4 - Relacionada ao caso concreto 02	40
Imagem 5 - Exemplo extra	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. COMUNICAÇÃO EM REDE	14
1.1 Escola Sociológica de Chicago: uma breve fundamentação teórica.....	14
1.2 O legado de McLuhan e a perspectiva ecológica das mídias	17
1.2.1 “O meio é a mensagem” e “o usuário é o conteúdo”	19
1.2.2 Interações digitais: uma sucinta contextualização	21
2. O FENÔMENO URBANO E A INVISIBILIDADE SOCIAL	22
2.1 Repensando a metrópole e o mundo contemporâneo como axiomas	23
2.1.1 Excluídos e invisíveis: uma breve contextualização antropológica e sociológica.....	26
2.1.2 Homens e mulheres "invisíveis": a realidade da população em situação de rua	29
3. PERCURSO METODOLÓGICO	31
3.1 Teorização metodológica	32
3.2 Natureza dos dados	34
3.2.1 Apresentação do perfil do SP Invisível no Instagram	35
3.2.2 Apresentação das postagens referentes aos casos concretos	36
3.2.3 Caso 01: Morador em situação de rua é tratado como um animal	36
3.2.4 Caso 02: Bia Doria diz que é errado dar comida para moradores	
em situação de rua	37
3.3 Procedimentos analíticos	41
4. UM ESTUDO DE CASO SOBRE O PERFIL DA ONG SP INVISÍVEL NO INSTAGRAM	42
4.1 Tornando o invisível visível: o caso do SP Invisível	42
4.2 Interações digitais no Instagram do SP Invisível	46
4.2.1 "A humanidade falhou": julgar e punir	47
4.2.2 "Botocadas e fúteis": o pequeno mundo dos privilégios	48
4.2.3 Deus, Jesus e amor como salvação	51

4.2.4 "Somos luzes que faíscam no caos": distinção e crítica social	52
CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS	57

INTRODUÇÃO

A autoevidência do termo "metrópole" como um axioma pode ser repensada. Partimos da premissa de que, como bem formulou Simmel (1979), ela seja sede da economia monetária e comporta uma multiplicidade e concentração de trocas econômicas, sendo territorialmente ampla e visível no que se infere à sua materialidade. Paradoxalmente e antiteticamente, é lugar de disputa, contradições e conflitos, tanto coletivos quanto individuais, à luz dos argumentos de Lefebvre (2021). Na metrópole, uma parcela da população é composta por sujeitos "invisíveis", como, por exemplo, a população em situação de rua, que são amparados pelas Organizações Não-Governamentais. Nesse sentido, a extrema pobreza é um problema social recorrente e intensificado durante a pandemia da Covid-19, acometendo especialmente as grandes metrópoles brasileiras (Aguar e Iriart, 2012), sendo a perda de renda um dos motivos de famílias inteiras migrarem às condições de rua, segundo o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2008).

Somado a isso, no que tange ao mundo atual onde existe uma supremacia tecnológica, a grande problemática que emerge relacionada aos invisíveis sociais é que são definidos por carências, caracterizados por não participarem de uma economia de mercado e à margem do "mapa tecnológico". Para tanto, as mídias eletrônicas, especialmente as redes sociais de ONGs, são locais em que é possível potencializar as vozes ofuscadas por estigmas sociais de uma sociedade predominantemente tecnológica, podendo partir da premissa de que "toda tecnologia tem uma ideologia" (Postman, 1994), numa tentativa de tornar o não-visível e não-existente em portador do próprio discurso.

Assim, as redes sociais de ONGs são lugares que comportam interações simbólicas e digitais. Em razão disso, alguns questionamentos norteiam esta pesquisa, indo ao encontro da busca para compreendermos como são as diversas opiniões sobre os invisíveis à margem da tecnologização e diante dos casos concretos que selecionamos. Evidencia-se, à vista disso, o início do período pandêmico¹, quando houve uma maior troca virtual e maior vulnerabilidade generalizada. Mais precisamente, descrevemos e investigamos características da interação on-line entre comentaristas comuns em conteúdos de Organizações Não-Governamentais no Instagram. Tal temática e apontamentos culminam em algumas perguntas: Como participantes do perfil da ONG entendem a população em situação de rua? Como negociam os sentidos na

¹ O período pandêmico da Covid-19 ocorreu, mais precisamente, entre 2020 e 2021. Naquele momento, foram desenvolvidas campanhas de educação, como #fiqueemcasa. No entanto, reflexões sobre a população em situação de rua surgiram no Instagram de ONGs, como: "E quem não tem casa?".

definição de realidade que pretendem mudar? Como entendem a situação de rua a partir das postagens da ONG?

Dessa maneira, esta monografia é um estudo de caso que destaca as interações digitais nos espaços para comentários no Instagram. Em termos mais específicos, como os/as comentadores/as e internautas recebem, constroem e reconstróem significados a partir de publicações sobre a população em situação de rua veiculadas no Instagram de uma ONG de São Paulo. Em outros termos, refletimos sobre a interação on-line mediada entre pessoas e/ou agrupamentos sociais, investigando a argumentação dos/as internautas, observando como se organizam as interações e que mentalidades e sentidos explicitam nas caixas de respostas das publicações selecionadas.

Para tanto, foi escolhido o perfil do Instagram da ONG SP Invisível² (@spinvisivel) e dois casos concretos de 2020, ou seja, publicações da página que viralizaram: 1) Morador em situação de rua é visto como um animal após receber comida com ração de cachorro e 2) Bia Dória diz que população em situação de rua gosta de ficar na rua e, por isso, a sociedade não deve fornecer comida a eles. Mais precisamente, restringe-se a um conjunto de 3 postagens, somando em média 1.400 comentários. Dessa maneira, observamos o que participantes comuns dizem diante das postagens e como compreendem e entendem a invisibilidade social, valendo salientar que observamos o perfil de modo geral e utilizamos tais publicações como exemplos, ou seja, uma amostra do que ocorre no todo.

Segundo uma observação nos principais portais de pesquisa, como Portal da CAPES, Google Acadêmico, SciELO, entre outros, percebemos que muitos dos estudos brasileiros apresentados sobre a extrema pobreza são construídos em termos metodológicos nas teorias de representação ou na etnografia, como o trabalho de Silva et al (2023). Diante disso, um dos pontos que dá forma a este trabalho é a tentativa de olhar por outro viés epistemológico, ou seja, sob a perspectiva da interação digital. Assim, as observações e interpretações sobre as interações digitais, especialmente sustentados pelo aporte ecológico das mídias e do interacionismo simbólico, abre oportunidades para outros tipos de investigação científica, especialmente no Brasil, onde a Ecologia das Mídias é um campo fértil e ainda pouco explorado no universo acadêmico. Somado a isso, o trabalho busca pensar no coletivo e dar visibilidade às coletividades humanas e aos estratos sociais que ainda não alcançaram a plenitude dos seus direitos.

² Organização Não-Governamental que surgiu em 2014 com a proposta de publicar histórias de vidas da população em situação de rua e narrativas das cidades nas redes sociais para potencializar as vozes humanas e repensar o modelo de metrópole.

Ademais, no que se refere aos dados relacionados à população em situação de rua, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) apontou que existiam em 2023 mais de 281 mil pessoas em extrema vulnerabilidade social nas ruas das cidades brasileiras, sendo a maior concentração no Sudeste, em torno de 151 mil, seguido do Nordeste, Sul, Centro-Oeste e Norte. Posto isso, a presente monografia justifica-se à medida que serve de motivação para repensar o modelo de uma metrópole do Sudeste, a cidade de São Paulo, concomitante às suas ambiguidades/contradições e meandros relacionados às extremas vulnerabilidades, ao mesmo tempo em que contribui nos estudos acerca das interações simbólicas em ambientes digitais. Concomitantemente, faz jus às relações de pertencimento e de agrupamentos humanos que podem se interessar pela pesquisa, como assistentes sociais, antropólogos/as, institutos de pesquisas, pesquisadores/as, defensores/as civis e demais setores e áreas do conhecimento correlacionados/as.

Em questões metodológicas, para observar as interações digitais nas caixas de resposta das publicações do Instagram do SP Invisível, fundamentamos os nossos argumentos na perspectiva ecológica das mídias e nas teorias da interação social, com o objetivo de identificar como funciona a interação social nas postagens. Isto é, olhamos para o *post* como uma provocação que gera uma interpretação e debate dentro dos comentários. Pensamos nos sentidos que foram produzidos e negociados pelos comentadores, na dinâmica do espaço de comentários, partindo da premissa de que as pessoas concordam, discordam, respondem e negociam sentidos, a partir da própria publicação.

Seguindo essa linha de pensamento, a escolha do Instagram das ONGs como suporte foi feita partindo do pressuposto, em uma busca inicial por interações digitais nos sites da grande imprensa brasileira, que era, anteriormente, o primeiro objetivo deste trabalho, notou-se a impossibilidade de acesso como usuário comum e não-assinante do conteúdo. Em termos mais específicos, foi visto que a política de acesso aos comentários é exclusiva para assinantes e diminui a interação, fazendo um recorte social aos comentadores. Tal observação serviu de motivação para ir ao encontro de um site aberto a todos os internautas com o objetivo de obter uma amostra ampla.

E, ainda, selecionou-se o Instagram, e não o Twitter ou o Facebook, por ser o meio de maior interação on-line sobre o fenômeno apresentado. Somado a isso, o critério de seleção das publicações das páginas previamente definidas restringe-se ao período pandêmico da Covid-19, no início de 2020, por ter sido de vulnerabilidade exacerbada e generalizada, e às postagens com maior reverberação midiática, isto é, com um denso volume de comentários, obtendo um material abundante a ser analisado e pertinente aos objetivos desta investigação.

Em última instância, esta monografia está dividida em 4 (quatro) capítulos. Neste estudo, antes de observar os comentários, é imprescindível explorar os conceitos e as teorias que sustentam a pesquisa. Por meio delas, é possível ancorar a interpretação dos dados, mais especificamente das interações digitais. Para tanto, são delimitados dois campos teóricos para fazer uma revisão de literatura, sendo eles o Interacionismo Simbólico e a Ecologia das Mídias. Então, a princípio, evidencia-se a Escola de Chicago, bem como o legado de Marshall McLuhan e a perspectiva ecológica das mídias, dando passagem a uma breve contextualização de interações digitais.

Já em um segundo momento, mais precisamente no segundo capítulo, é abordado o fenômeno urbano e a invisibilidade social, abordando estratos sociais que são negligenciados, como, por exemplo, os favelados, e repensando a metrópole e o mundo contemporâneo sob a perspectiva de alguns estudiosos. Como desenvolvimento desse contexto, e de maneira mais precisa, explora-se também a população em situação de rua, apresentando uma realidade que é considerada à margem, enquanto coletividade humana fragilizada e em condições de extrema vulnerabilidade.

A terceira etapa é o capítulo de metodologia, o percurso metodológico, considerado a "oficina da pesquisa", sendo que ela é definida pelo problema de pesquisa. Nesse momento, parte-se das teorias de interação social até os procedimentos analíticos, isto é, de que maneira observamos o material coletado. Em seguida, a apresentação das postagens escolhidas e o planejamento minucioso da coleta de dados. E, ainda, o último momento é representado pelo quarto capítulo de observação e interpretação, sendo a parte mais importante do estudo e onde, verdadeiramente, contribuímos, ao interpretar o que coletamos.

Para a produção do primeiro capítulo, foram selecionadas referências de autoras/es renomadas/os em tecnologia, comunicação e sociedade, como Marshall McLuhan (1964), Neil Postman (1994) e Strate, Braga e Levinson (2019). Para o segundo, tratando-se de meandros sociológicos e antropológicos, além das referências clássicas e teóricos reconhecidos, como Simmel (1979) e Lefebvre (2021), buscamos também artigos recentes de revista acadêmica, uma vez que a extrema pobreza nas metrópoles brasileiras é um fenômeno atual e contemporâneo. E, em terceiro, o percurso é fundamentado com as teorias da interação social (Braga, 2008).

1. COMUNICAÇÃO EM REDE

O ambiente midiático ganha cada vez mais espaço nos estudos comunicacionais, por conta de uma necessidade de compreender os meios digitais. Mais especificamente, o pensamento atrelado à ecologia das mídias e à Escola de Toronto, ligado ao que foi comumente denominado como uma filosofia da mídia, é uma abordagem multidisciplinar que ultrapassa a perspectiva comunicacional. Nesse sentido, retoma os fundamentos ecológicos midiáticos e entende as questões contemporâneas, ao voltar-se para Marshall McLuhan, um dos principais articuladores desse entendimento.

Mesmo McLuhan sendo uma das figuras centrais nessa área de estudo e no seu respectivo desenvolvimento, a reflexão e a genealogia teórica e conceitual, em concomitante diálogo teórico com a contemporaneidade, traz à discussão diversos outros autores, críticos e continuadores dessa vertente, como, por exemplo, Neil Postman, Lance Strate, Paul Levinson e Adriana Braga. Além desses, Georg Simmel é um autor clássico que, neste primeiro capítulo, considero importante para abordar algumas questões referentes à Escola de Chicago no que se refere à sociabilidade e interação.

1.1 A Escola Sociológica de Chicago: uma breve fundamentação teórica

Na Escola Sociológica de Chicago, de acordo com Braga e Gastaldo (2009), é difícil ter um "pai fundador", mas é possível apontar algumas figuras principais que podem ser chamadas de mentores e pensadores clássicos, como William I. Thomas, George Herbert Mead e Herbert Blumer. "O fundamento epistemológico principal desta escola reside no chamado 'pragmatismo norte-americano' [...] que relaciona o saber à experiência concreta, implica uma profunda orientação relativista e empiricista [...]" (p. 79). Nesse sentido, por meio de uma perspectiva naturalista, os pensadores de Chicago exploraram de maneira etnográfica as questões de uma metrópole multicultural e uma cidade dos anos 1930, com demasiadas efervescências urbanas, imigrantes, guetos e consequências da crise econômica de 1929.

Essa Escola entende a sociologia como um conjunto de instituições e compreende a sociedade como interação social e simbólica, ou seja, a sociedade como comunicação. Os pensadores de Chicago rompem com a sociologia dita tradicional que observa as instituições, pontuando que elas são feitas por sujeitos em interação, partindo da premissa de que os

indivíduos decidem as leis e as regras por meio da interação, da influência e dos interesses mútuos.

A posição teórica e metodológica dos pensadores de Chicago mostra-se como um legado que vai muito além dos limites disciplinares da sociologia. [...] Mente, *self* e sociedade, em uma ciência social fundamentada nas pessoas e suas interações cotidianas, em um mundo de sentidos coletivamente produzidos, através de definições concorrentes, convergentes ou divergentes sobre o que seja a realidade (Braga e Gastaldo, 2009, p. 83).

Simmel (*apud* Braga, 2008) evidencia a questão do grupo e do social e do social e do indivíduo, a fim de refletir pragmaticamente como e quando se pode relacionar sociedade e indivíduo, bem como seus meandros e demais diferenciações. Denomina a sua sociologia como "sociologia formal³", esforçando-se para abstrair as formas interacionais, independentemente do conteúdo, sendo o conflito uma forma de interação, e também observa os efeitos dos arranjos interacionais de modo pragmático, em vez de uma ontologia de retorno às raízes, definindo a sociabilidade como uma forma lúdica e estética da interação. Nesse sentido, o autor está sendo usado neste trabalho pelo motivo de conseguir comportar a interação que ocorre nesse ambiente midiático.

Em contrapartida, Braga (2008) sustenta o argumento de que sociabilidade não é sinônimo de interação social, sendo ela uma interação sem objetivos, como o que ocorre em celebrações específicas da vida cotidiana. Quando politizam a sociabilidade, ela chega ao seu fim, uma vez que ela é um tipo específico de interação, podendo causar embaralhamentos conceituais, à medida que a sociabilidade perde o seu corte analítico.

Já o sociólogo William Thomas da Escola de Chicago deu origem ao termo: a "definição da situação". "Previamente a qualquer ato de conduta autodeterminado, existe sempre um estágio de exame e deliberação que podemos chamar de definição da situação" (Thomas *apud* Braga e Gastaldo, 2009, p. 79). Para Braga e Gastaldo, essa definição descreve uma etapa crucial da vida em sociedade, sendo "qualquer ação em sociedade precedida por uma definição por parte de cada indivíduo envolvido, a partir da qual será escolhida uma linha de ação a ser seguida, entre as possibilidades disponíveis" (2009, p. 79). Sendo assim, a ênfase não está na definição da "natureza" ou da "essência" das coisas ou se elas são ou não reais, portanto, se forem definidas de modo diferente, as consequências serão distintas.⁴

³ "Buscava isolar, das situações da vida cotidiana, os elementos formais, estruturantes. Uma sociologia distinta das análises marxistas, weberianas ou durkheimianas" (Braga e Gastaldo, 2009, p. 79).

⁴ Braga e Gastaldo (2009) exemplificam que uma bruxa, ao ser queimada na fogueira, pouco importa, no Teorema de Thomas se existe ou não a bruxaria, somente sendo levada em consideração a decisão do Tribunal do Santo Ofício que ela é bruxa.

[...] os meios de comunicação desempenham um papel fundamental na consolidação de pontos de vista dominantes, na legitimação de certas definições e na deslegitimação – ou em geral, silenciamento – de definições concorrentes, processo ideológico sobre o qual tanto já se escreveu [...]. Os estudos de recepção, já há longas décadas, demonstraram o papel ativo exercido pelas audiências na interpretação dos conteúdos midiáticos. O que a noção de definição da situação possibilita interpretar é justamente o modo pelo qual, na situação de recepção, uso ou consumo das mídias, diferentes definições são negociadas pelos/as participantes da situação (Braga e Gastaldo, 2009, p. 80).

Uma segunda figura importante para os estudos de Chicago é George Herbert Mead, que forneceu as bases para o desenvolvimento do interacionismo simbólico. Para Mead, "a comunicação seria inseparável do ato social no qual participa na realização. A comunicação seria a mediação que viabiliza atividades cooperativas em uma sociedade" (Braga e Gastaldo, 2009, p. 80). No que se refere ao objeto comunicacional, objetos de toda ordem estão em constante interação, mas "nem toda interação é comunicativa" (França *apud* Braga e Gastaldo, 2009, p. 80)

Ao descrever o ato social como uma relação ternária ou triádica, Mead distingue o ato humano daqueles dos animais, fisiologicamente determinados, tornando-se por isso previsíveis e estáveis. Na sociedade humana, entendida como ação coletiva, uma pessoa percebe as ações da outra ao mesmo tempo em que pode imaginar suas ações subsequentes de modo a responder de maneira adequada (na "arte" a que Goffman (1998) chama "gerenciamento da impressão"). Assim, a sociedade é entendida como uma série de interações cooperativas, apoiadas na utilização de símbolos, que possuem significados compartilhados pelos indivíduos. Para Mead, um gesto que possua significado compartilhado é um "símbolo significativo" (Braga e Gastaldo, 2009, p. 81).

Para Mead (Braga e Gastaldo, 2009), há uma divisão entre "Eu" e "Mim", sendo o primeiro espontâneo e impulsivo e o segundo consciente dos próprios papéis, culminando em uma interação entre o sujeito e ele mesmo. Em outras palavras, o indivíduo, enquanto agente social e portador de uma capacidade racional, adota papéis sociais e consegue se enxergar como um objeto de ação de si próprio. "Internalizadas as regras sociais, procura comportar-se de modo coerente. Reflexivamente, prepara-se para as interações sociais: simbólicas e comunicativas. A noção de sujeito compartilhada pelos estudos de recepção, plenamente teorizada" (p. 81).

Em última instância, um terceiro teórico plausível de ser abordado neste capítulo é Herbert Blumer, sendo considerado como um dos principais autores da Escola de Chicago. Forneceu contribuições louváveis aos estudos comunicacionais e sociológicos ao fazer sugestões no que tange à interação dos meios de comunicação de massa com os participantes da audiência (Braga e Gastaldo, 2009).

O que parece ser necessário é um esquema diferente de análise – um [esquema] que respeite os aspectos centrais do processo midiático tal como ele ocorre no mundo dos acontecimentos reais. [...] Os aspectos centrais desse processo parecem ser: o caráter variante e mutável das apresentações da mídia, o caráter variante e mutável da sensibilidade do público atingido pela mídia, o processo de interpretação que intervém entre a apresentação e seu efeito, a relação interdependente entre as formas de comunicação, e a incorporação da mídia, suas apresentações e as pessoas em um mundo de eventos em curso, que implica um caráter processual a cada uma delas (Blumer *apud* Braga e Gastaldo, 2009, p. 82).

Logo, a Escola de Chicago, que começou com o investimento de John Rockefeller, deu início a um dos principais pilares do pensamento sociológico contemporâneo, com o Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago em 1890, tendo influenciado diversos autores posteriores e correntes de pensamento atreladas ao interacionismo simbólico (Braga e Gastaldo, 2009). Nesse sentido, ela criou uma sociologia diferente das ditas tradicionais, como a Escola Alemã e a Escola Francesa, investindo intelectualmente em um próprio modo de pensar.

1.2 O legado de McLuhan e a perspectiva ecológica das mídias

Com relação à perspectiva ecológica das mídias, que surgiu nos anos posteriores à Escola de Chicago, pensa-se nas mídias para além dos seus conteúdos, ou seja, nos seus efeitos (Strate, Braga e Levinson, 2019). Em outros termos, é enfatizar as finalidades das mídias, boas ou más, já que as tecnologias não são neutras. Isso quer dizer que é preciso pensar na ação tecnológica, já que essa ação é agente social dentro do cenário tecnológico atual. Assim, o pensamento ecológico midiático vai ao encontro de entender o funcionamento, bem como os aspectos econômicos, políticos, tecnológicos, sociais e culturais envolvidos, com o objetivo de ter mais controle sobre a tecnologia, ao pensar nela de forma mais crítica para o benefício do ser humano. “Toda tecnologia traz consigo um viés ideológico que predispõe uma ideia de mundo específica, a valorização de certas coisas mais do que outras” (p. 24).

Para Strate, Braga e Levinson (2019), a tecnologia, durante demasiado tempo, foi sinônimo de progresso, mas esse conceito foi desafiado e questionado por ecologistas das mídias contemporâneos. Dessa forma, a ecologia das mídias, enquanto campo teórico e interdisciplinar, pensa que a multidão entusiástica pela tecnologia é composta por diversos indivíduos que reconhecem todos os benefícios tecnológicos, mas é preciso se questionar, também, sobre os malefícios que são distribuídos na mesma proporção, partindo da premissa

de que toda ação tem uma reação. Assim, a “ecologia das mídias” não retrata a mídia, o meio, como o “centro”, mas como “ambiente” que rodeia, envolve e circula, sendo, por isso, quase invisível.

[...] a entrada em cena de uma nova tecnologia não traz somente benefícios. Além de trazer malefícios, ela distribui seus benefícios de modo desigual, criando grupos de ‘vencedores’ e ‘perdedores’ [...] ao mesmo tempo em que tudo parece estar interligado crescem os sintomas de isolamento e separação, no qual paradoxalmente na ‘aldeia global’ cresce o muro de ódio e intolerância que separa comunidades, famílias, grupos e nações [...] toda tecnologia levada ao extremo se converte no seu oposto (Strate, Braga e Levinson, 2019, pp. 16-17).

Foi o pensador canadense McLuhan (1974) que deu origem ao termo “ecologia das mídias”, ao juntar mídias com ecologia. No entanto, quem deu um uso mais produtivo e institucional foi Neil Postman (1994), sendo os ecologistas das mídias fundamentais para a preservação e propagação da tradição e desenvolvimento dessa disciplina. Dessa forma, ecologia das mídias é uma abordagem para a análise das mídias que privilegia os meios de comunicação e as tecnologias em geral em vez de as próprias mensagens ou conteúdos. Ou seja, compreende as mídias como ambientes e os ambientes como mídias. “Investiga a questão de como os meios de comunicação afetam a percepção, a compreensão, os sentimentos e os valores humanos [...]. A palavra ecologia, implica o estudo de ambientes: sua estrutura, conteúdo e impacto sobre as pessoas” (Postman, 1994 *apud* Strate, Braga e Levinson, 2019, p. 19).

McLuhan (1974) argumentou sobre a Teoria da Informação de Shannon-Weaver, ou seja, que existe o receptor, o canal, a mensagem e o emissor. Porém, para ele, tal formulação está ultrapassada, uma vez que depende de diversos fatores subjetivos, como quem mandou a mensagem, como isso foi recebido, entre outras questões que somente o modelo objetivo não acopla, porque a comunicação é complexa e não consegue ser definida somente por esquemas de flechas. Seguindo essa linha de raciocínio, a ecologia das mídias aparenta ser pessimista, quando, na verdade, faz uma crítica dura às implicações da tecnologia.

[...] não é possível haver conteúdo sem um meio. O conteúdo não pode vir a existir no vácuo, não pode existir em algum tipo de estado flutuante fora do universo físico [...]. As materialidades da comunicação, por si sós, não são suficientes; também deve haver um meio, método ou modo de comunicação para que o conteúdo seja gerado [...]. Isso significa que as mensagens não podem existir sem um meio. Mais uma vez, a relação é assimétrica porque um meio pode existir sem mensagens, sendo o exemplo representativo de McLuhan (1964) a luz elétrica (Strate, Braga e Levinson, 2019, p. 50).

Já para Postman (1994), qualquer mídia e, logo, tecnologia, introduzida no ambiente, provoca mudanças sensoriais, psicológicas e trabalhistas. Por isso o termo “ecologia”, já que tem uma parte ecológica, no sentido de que, quando se insere uma nova tecnologia em um meio, não há um ambiente antigo atrelado a uma nova parte tecnológica, senão um ambiente inteiramente novo, ocorrendo uma mudança ecológica — assim como não se pode dizer que existiu uma Europa somada à prensa de Gutenberg, mas um novo continente. Logo, cada tecnologia introduzida numa cultura e sociedade não é aditiva ou subtrativa, mas ecológica, tendo um impacto direto ou indireto, maior ou menor, no ambiente.

[...] a competição tecnológica desencadeia uma guerra total, que significa que não é possível confinar os efeitos de uma tecnologia nova em uma esfera limitada da atividade humana. Se essa metáfora apresenta a questão de maneira brutal demais, podemos tentar uma mais suave e delicada: a mudança tecnológica não é nem aditiva nem subtrativa. É ecológica. Refiro-me à "ecológica" no mesmo sentido em que a palavra é usada pelos cientistas do meio ambiente. Uma mudança significativa gera uma mudança total [...]. Uma tecnologia nova não acrescenta nem subtrai coisa alguma. Ela muda tudo (Postman, 1994, p. 27).

No que se refere ao McLuhan (1974), o teórico não trata somente dos meios de comunicação. Quando cita “mídias”, identifica como um objeto técnico que o ser humano utiliza para a mediação com o mundo físico:

O que McLuhan entende por mídia pode ser definido como tecnologia. Cada ferramenta ou técnica permite que o corpo humano estenda suas capacidades. Um martelo estende o poder da mão, a roda estende a habilidade do pé etc. Um meio de comunicação seria mais uma dessas extensões técnicas. Cada uma das tecnologias produz um viés (*bias*) sobre o mundo da vida, sobre a organização das sociedades, propondo uma ideologia, uma visão de mundo específica. Assim, a invenção da escrita teria permitido a criação dos impérios, como a máquina a vapor possibilitou a expansão capitalista, como a eletricidade possibilita a aldeia global. Em suas teorizações, McLuhan sustentou que cada meio diferente é uma extensão dos sentidos, que afeta o indivíduo e a sociedade de maneiras distintas [...] (Strate, Braga e Levinson, 2019, p. 31).

1.2.1 “O meio é a mensagem” e “o usuário é o conteúdo”

O aforismo mais clássico de McLuhan e que também introduz parte do seu repertório teórico é conhecido como *O Meio é a Mensagem*, sendo este o primeiro capítulo do livro *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem* (1974). Nele, o acadêmico parte da premissa de que, para além dos conteúdos das mídias, é preciso pensar nas ações da própria tecnologia, além de resumir o argumento de que as tecnologias dão forma e possibilitam o seu conteúdo. Essa abordagem tenta explicitar uma determinada materialidade, ao compreender as

transformações que ocorrem e as suas consequências. Em outros termos, entender as mídias como ambientes é compreender que as tecnologias têm todos os efeitos que a geografia e a biologia já associaram aos meios. Então, o aforismo denuncia que tal ambiente transforma as percepções, os pontos de atenção e de negligência.

Seguindo essa linha de pensamento, cada tecnologia, entendida em McLuhan (*apud* Strate, Braga e Levinson, 2019) como uma ferramenta, permite que o sujeito estenda o seu corpo humano e as suas capacidades, fazendo toda técnica prolongar uma percepção. "[...] os homens logo se tornam fascinados por qualquer extensão de si mesmos em qualquer material que não seja o deles próprios" (McLuhan, 1974, p. 59). Como exemplificação, o martelo estende o poder da mão e a roda o do pé, assim como a invenção da escrita permite a criação dos impérios e a máquina a vapor possibilita a expansão capitalista. Assim, cada meio diferente é uma extensão dos sentidos que afeta o indivíduo e a sociedade de uma maneira diversa, e tal "prolongamento" ocorre por meio do processo que o autor conceituou como autoamputação.

[...] o homem é impelido a prolongar várias partes de seu corpo, numa espécie de autoamputação [...]. No caso da roda como extensão do pé, por exemplo, a pressão das novas cargas resultantes da aceleração das trocas por meios escritos e monetários criou as condições para a extensão ou "amputação" daquela função corporal [...]. Com o advento da tecnologia elétrica, o homem prolongou, ou projetou para fora de si mesmo, um modelo vivo do próprio sistema nervoso central (McLuhan, 1974, pp. 60-61).

Com o aforismo "o meio é a mensagem", McLuhan (1974) aponta para duas premissas: a) Independentemente do conteúdo da mensagem explícita, o meio tem os seus efeitos únicos na percepção das pessoas e constitui uma mensagem. Para exemplificar, existe algo de revolucionário no telefone que transforma radicalmente a relação do ser humano com o tempo e o espaço; b) O meio transforma o seu conteúdo. Isto é, se o mesmo filme for exibido na TV, no cinema ou no celular, resultará numa experiência diferente para o espectador. O mal-estar recorrente de espectadores diante da adaptação literária do cinema ou versões de livros consagrados é um exemplo disso. Em outras palavras:

"O meio é a mensagem" [...] essa frase curta é falsamente simples e carrega vários sentidos. O primeiro é a noção de que, independentemente do conteúdo ou "mensagem" explícita, um meio tem seus efeitos peculiares na percepção das pessoas constituindo uma "mensagem" em si mesmo [...] Outro sentido desse aforismo é de que um meio transforma o seu conteúdo: um mesmo filme exibido na TV ou no cinema, por exemplo, resulta em experiências bastante diferentes para quem assiste [...] Um terceiro sentido foi sugerido pelo próprio McLuhan e consiste em um novo aforismo: Toda nova tecnologia cria um novo ambiente [...] No

contexto da internet, surgiu uma série de novos “ambientes”, como salas de bate-papo, jogos coletivos de computador com milhares de pessoas de todo o mundo interligadas simultaneamente, redes sociais ou listas de e-mail. Cada uma dessas tecnologias cria “ambientes” para suas atividades, “lugares” simbólicos onde as pessoas interagem e ações sociais acontecem (Strate, Braga e Levinson, 2019, pp. 32-33).

Outro aforismo, no entanto pouco conhecido, e que derruba a crítica sobre o determinismo tecnológico atribuído à McLuhan, foi chamado de “o usuário é o conteúdo”, ao complementar as conceituações de “o meio é a mensagem”, 20 anos depois de formulado (Strate, Braga e Levinson, 2019). Assim, ele faz referência e antecipa o que se chamou, posteriormente, no século XXI, de estudos de recepção. Em termos sumários, significa que a audiência é o produto.

Mais especificamente, o usuário é o conteúdo se for considerado que cada membro de uma audiência incorpora o que ela vê e ouve, de acordo com as suas próprias categorias e conhecimento de fundo, fazendo do conteúdo algo que serve para ela relacionar às suas próprias necessidades. Assim, esse conteúdo é o usuário, assumindo que os seres humanos determinam o conteúdo de todas as mídias pela sua capacidade de interpretar tudo o que se manifesta (Strate, Braga e Levinson, 2019).

1.2.2 Interações digitais: uma sucinta contextualização

Ecologistas das mídias contemporâneos evidenciam que a sociabilidade gerada pelas tecnologias atuais participa do contexto da interação. Segundo Braga (2011, p. 97), “os encontros são concebidos, planejados e comentados no ambiente digital, e documentados nos ambientes de Internet por participantes”. Para ela, as interações nas redes podem ser comparadas às interações em um clube, uma vez que é possível compartilhar interesses e usar as mídias disponíveis como forma de comunicação.

Evidentemente, uma das palavras reconfiguradas e levantadas pelas novas tecnologias é “comunidade”, ou melhor, indivíduos que se interrelacionam, têm relações recíprocas e utilizam as redes com a mesma finalidade. “A desterritorialização e instantaneidade promovidas pela Internet facultam a formação de grupos de interesses comuns, mas sem vínculos territoriais, configurando uma nova forma de organização comunitária, com muitas especificidades” (Braga, 2011, p. 99). Nesse sentido, “comunidades virtuais” podem ser um espaço de convívio com a diversidade, diálogo, debates, discussões e socialização.

O processo de interação social que ocorre nos ambientes proporcionados pela internet é recente, e parte de estratégias individuais e grupais adquiridas por apropriação e adaptação de regras já estabelecidas, próprias de outros contextos relacionais. Tais estratégias são aplicadas atendendo a demandas da situação. Nos contextos relacionais tradicionais, as pessoas agem visando determinada impressão no interior de seu grupo de convivência cotidiana. Existe toda uma regulação tácita que cria expectativas de práticas sociais entre os indivíduos. Nas comunicações mediadas por computador, improvisa-se diante de situações inesperadas, repetindo e adaptando-se modelos de outros contextos interacionais (Strate, Braga e Levinson, 2019, p. 38).

Dessa maneira, com a criação dos sites e dos conteúdos on-line, o ambiente virtual passou a ser ocupado e usado por pessoas, especialmente jovens, que não são especializados, como forma de expressarem suas individualidades coletivamente. Consequentemente, surge um espaço social para o *self*, isto é, si mesmo, onde são representadas a identidade e a individualidade. “Os encontros são concebidos, planejados e comentados no ambiente digital, e documentados nos ambientes de Internet por participantes” (Braga, 2011, p. 97).

Na ordem da interação digital, há um uso interessado das diferentes estruturas da web, a propósito das diferentes demandas de cada situação social. A internet parece apresentar características de várias mídias, aquelas utilizadas para estabelecimento de relações interpessoais e as de massa. Ao exercerem atividades on-line, os participantes demonstram plena competência social e tecnológica na escolha e manejo de diferentes meios e ambientes conforme a demanda específica de cada situação. Entretanto, independentemente dos detalhes da comunicação que se estabelece nesses ambientes, utilizam-se meios que carregam e dispersam lógicas provenientes de suas características técnicas, de suas condições de produção. A partir do uso, o usuário torna-se conteúdo, e o meio torna-se mensagem, sentido, significado (Strate, Braga e Levinson, 2019, p. 39).

No que se refere à dinâmica da interação em redes sociais, Braga (2011) argumenta que a Internet, apesar de ser avançada em recursos audiovisuais, "ainda é um contexto social baseado em texto, e este aspecto é fundamental na estruturação da CMC" (p. 100), sendo a escrita, segundo a autora, marcante no território on-line. Tal questão justifica a importância dos comentários, já que os participantes interagem "por escrito" e a interação simbólica entre novos/as participantes ocorre nesse espaço.

2. O FENÔMENO URBANO E A INVISIBILIDADE SOCIAL

Neste segundo capítulo da monografia, abordamos o fenômeno urbano e as relações complexas na metrópole, com ênfase na economia monetária e no consumo, à luz dos argumentos de sociólogos clássicos como Georg Simmel e Henri Lefebvre. Depois, tratamos a invisibilidade urbana e os estratos sociais que são considerados "primitivos" e ainda não

alcançaram a plenitude dos seus direitos, utilizando autores como Pierre Clastres e Carolina Maria de Jesus para nos referir às sociedades primitivas e aos favelados, e Michel Foucault, quando discute sobre alguns agrupamentos que são silenciados, bem como artigos recentes de revista acadêmica, uma vez que a extrema pobreza nas metrópoles brasileiras é um fenômeno contemporâneo.

2.1 Repensando a metrópole e o mundo contemporâneo como axiomas

A autoevidência do termo "metrópole" e “contemporaneidade” como axiomas podem ser repensadas, uma vez que, evidentemente, há uma maior aceleração da vida urbana e moderna, e a vivência nas cidades grandes é conturbada. Parte-se da premissa de que, como bem formulou Simmel (1979), a grande cidade seja sede da economia monetária e comporta uma multiplicidade e concentração de trocas econômicas, sendo territorialmente ampla e visível no que se refere à sua materialidade, ao mesmo tempo em que é lugar de disputa, contradições e conflitos, tanto coletivos quanto individuais, no mundo contemporâneo (Lefebvre, 2021).

Em primeira instância, quando Simmel (1979) aborda sobre a economia monetária, ou seja, que se institui como padrão no uso próprio do instrumento dinheiro, estabelece uma separação entre as pessoas e as “coisas”. Seguindo essa lógica, é uma ferramenta que se impõe entre sujeitos e coisas e entre os próprios indivíduos, estabelecendo uma nova forma de interação social. Tal questão gera um impacto na vida contemporânea e nas formas típicas de sociabilidade e socialização modernas. Ao pensar nessa separação entre sujeito e objeto, a economia monetária, para ele, abre a possibilidade de desenvolvimento individual, ao dar espaço para a ideia de uma identidade própria separada do pessoal. Posto isso, há um aperfeiçoamento na produção de mercadorias e uma cultura mais objetiva.

A metrópole sempre foi a sede da economia monetária. Nela, a multiplicidade e concentração da troca econômica dão uma importância aos meios de troca que a fragilidade do comércio rural não teria permitido. A economia monetária e o domínio do intelecto estão intrinsecamente vinculados. Eles partilham uma atitude que vê como prosaico o lidar com homens e coisas; e, nesta atitude, uma justiça formal frequentemente se combina com uma dureza desprovida de consideração. A pessoa intelectualmente sofisticada é indiferente a toda a individualidade genuína, porque dela resultam relacionamentos e reações que não podem ser exauridos com operações lógicas (Simmel, 1979, p. 13).

Para Simmel (1979), a qualidade do objeto dinheiro é, de certa maneira, não ter qualidades, uma vez que é descolorido, indiferente e serve para ser trocado. Nesse sentido, é

um meio de indiferenciação dos objetos. E uma vez que é considerado indiferente, faz com que ele converta as qualidades das coisas trocadas a um denominador comum, sendo um equivalente universal, referindo-se unicamente a tudo e classificado como comum. Logo, as relações vividas pelos sujeitos na metrópole são marcadas pela racionalidade e indiferença.

O teórico também discorre sobre a capacidade do intelecto das pessoas da cidade grande, do centro urbano, e do interior, isto é, da cidade pequena, formulando que os moradores da metrópole são mais racionais e têm uma intelectualidade sofisticada (Simmel, 1979). Além disso, em uma pequena cidade, as relações são mais pessoais, diametralmente opostas às formadas no grande centro urbano, sendo pautadas pela economia monetária. Portanto, o sociólogo reflete sobre a ambiguidade da vida social moderna da sociedade urbana do século XIX, destacando o fenômeno da multidão.

Essa ambiguidade, ao pensar no dinheiro, separa e liga os sujeitos, concomitantemente. Por um lado, é indiferente; por outro, é um equivalente universal (Simmel, 1979). Então, uma das rubricas para pensar a sociabilidade moderna é a associação entre indiferença e sociedade. Enquanto a primeira implica no distanciamento, a segunda faz uma associação, culminando em uma dubiedade nas relações modernas. Para Simmel (1979), o dinheiro, seguindo essa linha de pensamento, tem algumas características:

1) É um meio numa relação de troca, tornando independentes os elementos envoltos nos processos de troca. De modo sucinto, distancia os homens; 2) O dinheiro possibilita a operação de uma rede mais ampla de troca, alargando os laços e os círculos sociais. Assim, ele aproxima os homens; 3) Circula, como se tivesse vida própria, impregnando o moderno com uma mobilidade e maleabilidade novas. Concomitante a isso, aparece como se fosse o único ponto fixo, em um mundo em movimento contínuo e incessante. Sob o signo do dinheiro, o moderno é ambíguo.

4) Dinheiro é o exemplo da inversão entre meios e fins, levando a um embaralhamento dos valores que orientam as ações. Assim, a vida dos modernos se torna um “labirinto”. E essa inversão de valores não é necessariamente quantitativa, mas também nas relações sociais, dando a impressão de que tudo na sociedade moderna pode ser comprado. Nesse labirinto de meios, os sujeitos podem perder a si mesmos e esquecer daquilo que seria a finalidade última, ou seja, a própria felicidade. Então, o que não pode ser quantificável acaba perdendo o valor; 5) e o dinheiro se relaciona com o entendimento que conduz ao intelectualismo, propiciando o aplainamento dos sentimentos e uma calculabilidade em todos os domínios da vida. Assim, a busca por exatidão vai se impregnando no tempo e no espaço.

Já à luz dos argumentos de Lefebvre (2021), apesar de também, de certa forma, fazer uma crítica ao capitalismo, tem os seus estudos e reflexões pautados no ideal de contemporaneidade e no consumo de uma sociedade burocrática. Para ele, o mundo contemporâneo é definido como ideia ou horizonte que constrói uma imagem exaltadora de si mesma, ao esconder os seus problemas e propagando a pretensão de ser um modelo generalizado, como se fosse o único caminho a ser seguido por todos os povos para se tornar modernos. Dessa maneira, o teórico problematiza a existência de um único mundo moderno e a forma que os sujeitos lidam com o tempo histórico.

Seguindo essa linha de raciocínio, a problemática que envolve o mundo moderno inicia-se com a temporalidade do agora, do dia e dos minutos que se sobrepõe ao tempo histórico, criando uma “sociedade do atual” (Lefebvre, 2021). Para Lefebvre, é uma temporalidade imediata, que estabelece uma sociedade que surgiu, sobretudo, a partir da Segunda Guerra Mundial e prevaleceu. Posto isso, ele formulou uma periodização geral do tempo histórico, dividindo a humanidade em três grandes períodos: 1) Era Agrária, associando ao espaço absoluto e ligado à sacralização do solo e ao espaço mítico; 2) Era Industrial, sendo o espaço abstrato e marcado pelo valor de troca, denotando uma mercantilização do espaço; 3) e Era Urbana, sendo o espaço diferencial que está ligado ao próprio processo de construção da sociedade urbana.

Além disso, para Lefebvre (2021), o atual é reduzido ao provisório e descartável, e a sociedade é dominada pelo desprezo e pela dimensão histórica da vida, ou seja, aquilo que se dá em um determinado ritmo. Isso porque essa aceleração de tempo e de espaço passou a ocorrer no século XX e, paulatinamente, tornou o mundo compacto, fazendo os indivíduos perderem a dimensão de tempo histórico. Dessa maneira, a sua crítica está ligada ao fato de a sociedade do atual só valorizar o instante e perder a perspectiva de futuro diante de um questionamento sobre o presente. Isto é, se os sujeitos perdem o tempo histórico, aceitam o que está posto no momento, então essa perda da dimensão histórica gera também uma desvalorização da perspectiva de mudança e de futuro. Por isso, para Lefebvre (2021), é importante voltar ao passado para compreender o agora e projetar novos tempos.

Outra questão para Lefebvre (2021) é a “sociedade do atual”, dominada pela desvalorização e “pobre de esperança”. Segundo o autor, a sociedade de consumo de massa do século XX satisfaz as necessidades da massa. Ou seja, toda a produção foi dirigida para satisfazer as necessidades dos indivíduos. Em contrapartida, a própria maneira como a sociedade se organizou durante esse século intensificou o ritmo de vida e deu outra dimensão ao próprio uso do espaço urbano, que serviu para diferenciar e estabelecer as desigualdades no

uso desse espaço. Nesse sentido, sendo uma sociedade carente de perspectiva de futuro, expressa, concomitantemente, um egoísmo, ao supervalorizar o presente.

Posto isso, tanto Simmel (1979) como Lefebvre (2021) tratam do fenômeno urbano e de meandros sociológicos referentes à complexidade da contemporaneidade nas metrópoles, repleta de conflitos, ambiguidades e contradições. Tais dubiedades também se refletem nos agrupamentos humanos e nas relações sociais, podendo fazer com que algumas coletividades sejam excluídas ou consideradas “invisíveis”, por não pertencerem a uma lógica monetária e capitalista da vida contemporânea.

2.1.1 Excluídos e invisíveis: uma breve contextualização antropológica e sociológica

Aos olhos de uma civilização pautada pela tecnologia e pela complexidade do mundo moderno, especialmente nas metrópoles, o que não está inserido no mapa tecnológico não é visto/visível. Esse é o caso, por exemplo, das sociedades primitivas. Para Pierre Clastres (2017), elas são vistas como diferentes das sociedades ocidentais, como se fossem "ultrapassadas", "atrasadas" e "incompletas", visto que não servem ao Estado, não possuem escrita, história e economia. "As sociedades primitivas são sociedades sem Estado: esse julgamento de fato, em si mesmo correto, na verdade, simula uma opinião, um juízo de valor" (capítulo 11, não paginado).

Então, assim como Clastres (2017) mostra que há um juízo que é etnocêntrico a respeito dessa existência do Estado, imagina-se que todas as sociedades vão se organizar com esse mesmo objetivo. No entanto, o autor argumenta que o fato de grupos primitivos demonstrarem uma capacidade de satisfazer suas necessidades por meio da força e ocupação que exercem sobre o meio em que vivem, essa sociedade não possui uma inferioridade técnica em relação às demais sociedades.

Já se percebeu que, quase sempre, as sociedades arcaicas são determinadas de maneira negativa, sob o critério da falta: sociedades sem Estado, sociedades sem escrita, sociedades sem história. Mostra-se como sendo da mesma ordem a determinação dessas sociedades no plano econômico: sociedades de economia de subsistência. Se, com isso, quisermos significar que as sociedades primitivas desconhecem a economia de mercado onde são escoados os excedentes da produção, nada afirmamos de modo estrito, e contentamo-nos em destacar mais uma falta, sempre com referência ao nosso próprio mundo: essas sociedades que não possuem Estado, escrita, história, também não dispõem de mercado (CLASTRES, 2017, capítulo 11, não paginado).

Embora o olhar de Clastres (2017) estivesse voltado às tribos indígenas, ousamos transportar o pensamento para o contemporâneo, isto é, para coletividades humanas que podem ser associadas à conceituação amplamente discutida sobre primitivismo, e esse é o caso dos agrupamentos humanos que vivem na extrema pobreza, como os favelados. Isso pode ser observado na obra *Quarto de Despejo* (1963) de Carolina Maria de Jesus⁵, quando a própria autora cita que vive no "primitivismo", já que usa lenha para esquentar os alimentos e a miséria não a deixa utilizar artefatos elétricos e/ou de alto custo para a sua sobrevivência e subsistência. "[...] O senhor Dario ficou horrorizado com a primitividade em que eu vivo. Ele olhava tudo com assombro. Mas ele deve aprender que a favela é o quarto de despejo de São Paulo. E que eu sou uma despejada" (De Jesus, 1963, p. 137).

Neste quesito, observa-se que os favelados sobrevivem da sua própria maneira, portando um modo de vida próprio e singular (De Jesus, 1963). Logo, não se pode dizer que outras coletividades humanas são mais desenvolvidas e que os favelados, por serem, de alguma maneira, menos "privilegiados" pelo Estado e portarem menos instrumentos técnicos, são "atrasados". Posto isso, ao utilizar os argumentos de Clastres (2017), é essencial ressaltar pontos fortes e positivos que podem caracterizá-los, como a luta dessa população e os movimentos que exaltam o modo de viver dessa coletividade específica. Para além disso, é importante olhar para tal agrupamento social pelo modo como se sentem e vivem em conjunto, como Carolina (De Jesus, 1963) tentou ao escrever no próprio diário, e não por "lentes" externas.

Nesse ponto, *Quarto de Despejo* (1963) pode ser representado, quando a autora expõe: "[...] Depois fui catar lenha. Parece que eu vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato a felicidade" (De Jesus, 1963, p. 78). Isto é, com uma dose de poesia, e também de ironia, Carolina faz um desabafo sobre o fato de a sociedade capitalista "sugar" a sua força de trabalho, impossibilitando-a de ser feliz. Em paralelo, também diz: "[...] Já faz tanto tempo que estou no mundo que eu estou enjoando de viver. Também, com a fome que eu passo quem é que pode viver contente?" (p. 116). Por meio de uma tática de repetições enfáticas, refere-se à vida demasiadamente difícil do trabalhador pertencente a uma lógica capitalista progressista.

⁵ Diferentemente de outros escritores que retratam o cotidiano da favela por meio da literatura, a perspectiva em *Quarto de Despejo* (1963) é outra, ou seja, é um diário que foi transformado em livro, e escrito por Carolina, moradora do Canindé, a primeira comunidade de São Paulo, antes de ser desocupada na década de 1960 para a construção da Marginal Tietê. Somado a isso, ela é uma escritora renomada no sistema literário brasileiro, ou seja, "escritora favelada de sucesso", e isso é justificado pela publicação do livro, com mais de 1 milhão de cópias, denunciando uma recepção do público marcada pela curiosidade de conhecer a miséria e a sobrevivência.

[...] Hoje tem muito papel no lixo. Tem tantos catadores de papeis nas ruas. Tem os que catam e deitam-se embriagados. Conversei com um catador de papel [...]
- Porque falamos disso ? O nosso mundo é a margem. Sabe onde estou dormindo ? Debaixo das pontes. Eu estou doido. Eu quero morrer ! (De Jesus, 1963, p. 169).

Aos olhos de muitos, ser favelado é estar predestinado a morrer de fome, ser escravo do custo de vida e não ter o direito de estar indisposto, já que “pobre não repousa, não tem o privilégio de gozar descanso” (De Jesus, 1963, p. 20). Somado a isso, a autora expressa que ser favelado também é não ser solidário, uma vez que “a única coisa que não existe na favela é solidariedade” (p. 23). Concomitante a isso, é andar sempre sujo, como um “projeto de gente humana”, fazendo emergir a reflexão sobre o morador da favela ser ou não “gente”. Para ela, ser favelado é estar na sucursal do Inferno, ou no próprio Inferno, porque sabe o que é a fome. “É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la” (p. 34). E, também, ser favelado é se reconhecer como tal, isto é, como os corvos e infelizes, e, de forma poética, ter um coração roxo, simbolizada como a cor da amargura que envolve os corações de quem vive no Canindé. É, ainda, ser sepultado como um “Zé qualquer”, ou melhor, um marginal que, após a morte, é enterrado sem ter nome.

Acrescenta que, como todos os favelados são considerados marginais e estúpidos aos olhos de quem vive na cidade, ser marginal é comer pão duro e ter a vida negra, já que negro é tudo o que o rodeia. E que, por isso, só é feliz quando reside em “castelos imaginários”, pois, fora deles, a vida é corrompida pela miséria, pela necessidade de pedir esmolas e aceitar que não tem qualidades. Somado a isso, a escritora também percebe que ser morador da favela é ser temido. “Quando alguém nos insulta é só falar que é da favela e pronto” (De Jesus, 1963, p. 79). Em paralelo, ser favelado é não gostar de ser favelado. Isso porque “quem reside na favela não tem quadra de vida. Não tem infância, juventude e maturidade” (p. 86). E, ao não ter perspectiva de vida, ser favelado é, de modo trágico, ter o suicídio como uma opção. “Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estômago. E por infelicidade eu amanheci com fome” (p. 93).

Contudo, não são somente os favelados que são vistos como à margem da sociedade. Outras coletividades humanas como, por exemplo, a população em situação de rua, é considerada “invisível”. Evidentemente, como os moradores da favela são pautados pela falta, ou seja, por serem vistos como carentes de algo, especialmente de critérios econômicos, as pessoas em condições de extrema vulnerabilidade social e que não têm moradia estão acopladas de maneira ainda mais intensa no que se considera como invisíveis sociais.

2.1.2 Homens e mulheres "invisíveis": a realidade da população em situação de rua

Debaixo de marquises e viadutos ou em calçadas e praças, há seres humanos lutando diariamente pela sobrevivência. Alguns se instalam temporariamente, outros já conhecem a vizinhança e há, até mesmo, aqueles/as que não estabelecem vínculos com o local. A Política Nacional para a População em Situação de Rua (Governo Federal, 2009) define pessoas em condições de rua como um grupo heterogêneo que faz uso do espaço público como moradia e sustento. Como essa população não é homogênea, não tem os mesmos ideais e também não está na rua pelos mesmos motivos. Ou seja, cada pessoa que vive nessas condições vulneráveis tem sua própria história a contar. De acordo com os últimos dados da Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2008), há vários fatores que explicam a ida para as ruas, como alcoolismo e/ou uso de drogas, desemprego e conflitos familiares.

Evidentemente, a questão da política e do poder são algumas das temáticas relacionadas à população em situação de rua e ao epifenômeno da extrema pobreza (Aguiar e Iriart, 2012). Tais eixos são sistemas complexos e estruturais, e é possível observar uma certa negligência do Estado para com esses serviços de saúde que, por conseguinte, impedem a ajuda aos sujeitos fragilizados em condições vulneráveis. No que diz respeito aos fatores que culminam nesta condição de ida às ruas, estão: a família, o alcoolismo, a violência doméstica, o consumo de drogas, as doenças mentais, os conflitos entre parentes, incapacidades físicas, desintegração familiar ou separação do cônjuge. Isso quer dizer que, se há diversos motivos que levam a esse fato, as pessoas em situação de rua são um grupo heterogêneo. Como não há homogeneidade neste caso, cada pessoa é singular e tem ideais diferentes, logo está nas ruas por motivos distintos (Idem).

A existência de pessoas em situação de rua é um fenômeno decorrente das transformações econômicas, políticas e sociais que acometem as grandes metrópoles, em nível mundial. Ghirardi et al. afirmam que esta população sofre a marginalização provocada pelo capital, tornando-se socialmente inútil. A competição acirrada do mercado de trabalho;⁶ a fragilização dos vínculos trabalhistas pela não qualificação profissional; a inserção em atividades produtivas com grande potencial de substituição e com rendas limítrofes para a subsistência; a estigmatização pelas posições de trabalho que ocupam e o desemprego são alguns fatores desencadeantes desse processo (Ghirardi *apud* Aguiar e Iriart, 2012, p. 115).

⁶ "Viver na rua é romper com o mercado e seu estilo de vida; o que não significa a eliminação total do trabalho ou o impedimento à subsistência, mas o desenvolvimento de novos códigos, de formas específicas de garantia da sobrevivência" (Aguiar e Iriart, 2012, p. 116).

Aguiar e Iriart (2012) argumentam que, com base nas estatísticas e nos altos índices de população em situação de rua, somados à questão da falta de políticas públicas eficientes e eficazes, alguns movimentos surgiram no Brasil a partir de 2008, como Encontros Nacionais da População em Situação de Rua, que culminaram na criação da Política Nacional para a População de Rua, em 2009. A partir de então, foi pensada a necessidade de políticas direcionadas ao enfrentamento das condições dos indivíduos que vivem na rua em situações de extrema vulnerabilidade social, que ultrapassem a ideia do assistencialismo e de estruturas mantenedoras da invisibilidade e que atendam, de fato, a realidade das ruas.

Outra questão plausível de pontuar é o processo de invisibilização dos moradores em situação de rua, que traz questões como o modo com que isso contraria os direitos humanos e o direito à cidade, e as violências que esses indivíduos sofrem (Do Nascimento Nonato e Raiol, 2016). Os autores argumentam sobre o forte estigma social ao qual esse agrupamento humano está submetido. São vistos como marginais, um desvio da normalidade social, e é atribuída a eles uma identidade subversiva. Nesse sentido, o tratamento que recebem fere o direito à cidade, sendo pertencentes a um grupo social fragilizado diante de grupos sociais dominantes. Além disso, as pessoas em condições de extrema vulnerabilidade são chamadas de modo pejorativo, como "mendigos", "malandros", "perigosos" e "marginais".

"Do ponto de vista dos direitos humanos, esse tratamento baseado na subalternização e desqualificação desses sujeitos, remete, necessariamente ao debate sobre o direito à cidade, à uma vida na cidade que tenha por centralidade a pessoa e inclua a superação do fenômeno da segregação social em suas diferentes formas e dimensões" (Do Nascimento Nonato; Raiol; 2016, p. 82).

Segundo Do Nascimento Nonato e Raiol (2016), o Poder Público ignora a população em situação de rua, ressaltando a necessidade de trazer o assunto aos centros de debate sociopolítico, alterando a sua abordagem social para anular essa visão de que eles oferecem riscos e mostrando que eles é que sofrem riscos. São pessoas "excluídas da sociedade", tratadas como "inexistentes" e "invisíveis". Argumentam que, com a Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, realizada, em 2008, pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, foi possível coletar dados sobre essa população, de modo inédito, já que, antes dela, a população de rua era excluída dos censos demográficos.

Além disso, os eixos política e poder também podem ser associados a uma parcela do pensamento de Foucault (1996) à medida que os sujeitos que dominam o discurso dominam todos os mecanismos de poder. Há, pois, uma evidente separação entre discursos que são de

direitos privilegiados, lógicos e organizados, e outros considerados ilógicos. No caso da população em situação de rua⁷, são considerados pejorativamente como "primitivos", destituídos de discurso e de interação, concomitante ao fato de serem pautados pela falta.

Para Foucault (1996), existem indivíduos com direitos privilegiados para falar, como, a exemplificar, "a oposição entre razão e loucura" (p. 10). Segundo contextos sócio-históricos anteriores, o louco não era ouvido. Uma vez que colocado no campo da ausência de lógica e de sentido, não detém o direito de falar e de produzir discurso. "É curioso constatar que durante séculos na Europa a palavra do louco não era ouvida, ou então, se era ouvida, era escutada como uma palavra de verdade" (p. 11). Posto isso, ousamos dizer que a população em situação de rua, muitas vezes, não detém o direito de fala, já que os seus discursos são vistos, pela sociedade civil e portadora de um maior capital, como ilógicos, incoerentes e irrelevantes.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Este terceiro capítulo abarca o percurso metodológico desta monografia, as perspectivas metodológicas, bem como os obstáculos enfrentados para chegarmos aos objetivos propostos. A presente pesquisa é um estudo de caso sobre o perfil do Instagram da ONG SP Invisível (@spinvisvel) e, para tanto, foram escolhidos dois casos concretos, ou seja, publicações postadas nessa rede social cuja temática e discussões são relacionadas à população em situação de rua. Mais especificamente, os dados são oriundos das interações digitais de comentadoras/es nas caixas de texto das postagens escolhidas. Isto é, das interações entre participantes. Para tanto, com o objetivo de compreender e observar determinados arranjos interacionais, utilizamos a perspectiva da Ecologia das Mídias — já fundamentada no capítulo 1 deste trabalho — e conceitos das teorias da Interação Social — que abordaremos no próximo tópico.

Em primeira instância, é plausível salientar que as perspectivas metodológicas se apresentaram desafiadoras em diversos quesitos. Por exemplo, a escolha do Instagram da ONG SP Invisível como suporte foi feita partindo da premissa de que, em uma busca inicial por interações digitais nos sites da grande imprensa brasileira, que era, anteriormente, o

⁷De acordo com dados de 2023 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), existem mais de 281 mil pessoas em extrema vulnerabilidade social nas ruas das cidades brasileiras, sendo a maior concentração no Sudeste, em torno de 151 mil, seguido do Nordeste, Sul, Centro-Oeste e Norte. E segundo notícia de 2024 do G1, "a cada quatro pessoas que vivem nessa condição, uma mora na cidade de São Paulo. Em 2012, eram 12.775 pessoas vivendo na rua no país, número 20 vezes menor".

primeiro objetivo deste trabalho, notou-se a impossibilidade de acesso como usuário comum e não-assinante do conteúdo. Observamos que a política de acesso aos comentários é exclusiva para assinantes, logo diminuí a interação dos comentadores comuns, fazendo um recorte social a quem comenta.

Tal observação serviu de motivação para ir ao encontro de um site aberto a todos os internautas com o objetivo de obter uma amostra ampla. E, ainda, selecionamos o Instagram, e não o Twitter ou o Facebook, por ser o meio de maior socialização e interação on-line sobre os casos concretos apresentados. Além disso, o critério de seleção das publicações das páginas previamente definidas restringe-se ao período pandêmico da Covid-19, mais precisamente no primeiro semestre de 2020, por ter sido de vulnerabilidade exacerbada e generalizada, especialmente para a população em situação de rua, e às postagens com um denso volume de comentários, obtendo um material abundante a ser analisado.

Outra questão que se mostrou desafiadora no percurso metodológico foi a dificuldade para selecionar as publicações, uma vez que no Instagram do SP Invisível há diversas ações assistencialistas que são promovidas ao longo do ano, além de uma variedade de temáticas possíveis para explorar. Isto é, além do eixo temático da Covid-19, há postagens que enfatizam a violência contra a população em situação de rua, o suicídio, as festividades, como o Natal e a Páscoa, além de campanhas de arrecadamento. Nesse sentido, por conta de muitas possibilidades interessantes de seleção, houve uma lentidão no processo de escolha e aprofundamentos.

3.1 Teorização metodológica

Metodologicamente, para analisar as interações digitais nas caixas de resposta das publicações do Instagram do SP Invisível, fundamentamos os nossos argumentos na perspectiva ecológica das mídias — apresentada no capítulo 1 — e nas teorias da Interação Social, com o objetivo de identificar como funciona a interação social nas postagens. Isto é, olhamos para o *post* como uma provocação que gera uma interpretação e debate dentro dos comentários. Em outras palavras, pensamos nos sentidos que foram produzidos e negociados pelos comentadores, na dinâmica do espaço de comentários, partindo da premissa de que as pessoas concordam, discordam, respondem e negociam sentidos, a partir da própria publicação.

No que se refere às interações sociais e apresentação do *self* na cibercultura, Braga (2008) formula que "os ambientes de Internet passaram a ser largamente utilizados por

usuárias/os não especializados/as como meio de expressão individual e coletiva, operando como um espaço social para apresentações do *self*" (p. 64). Tais espaços possibilitam uma dinâmica travada por negociações de sentido e estabelecendo interações entre participantes de um blog. Os argumentos da autora, apesar de terem foco, mais especificamente, em blogs temáticos, voltados exclusivamente para assuntos "femininos", servem de embasamento teórico para esta monografia, uma vez que as redes sociais de ONGs também pertencem a essa configuração do mundo digital.

Seguindo essa lógica, no século XXI, há "uma rede de interações comunicativas e circulação de saberes específicos [...]. Dessa forma, ampliou-se a oferta de sentidos acerca das representações [...] no campo das mídias, trazendo novas expressões ao já intrincado e complexo campo simbólico das representações midiáticas" (Braga, 2008, p. 64). Dessa maneira, as redes sociais, mais precisamente os blogs, nos exemplos da autora, colocam no campo discursivo midiático um número considerável de novos sujeitos enunciadore. Ao pensar no objeto de estudo deste trabalho, ou seja, nas caixas de resposta do Instagram, as interações também suscitam diversos novos agentes nesse campo discursivo midiático e novos grupos que interagem entre si.

Para Simmel (*apud* Braga, 2008), "os indivíduos vivem, agem, uns com ou contra os outros se influenciando mutuamente a partir de impulsos eróticos, religiosos, interesses objetivos, propósitos de auxílio, defesa, ataque, de ganho, de jogo etc" (p. 68). Segundo o autor, ao tratar da sociabilidade, considera a diferença entre forma e conteúdo, alegando que "o conteúdo da sociedade seria estar com um outro motivado pelos propósitos individuais ou materiais, o qual conformaria formas estéticas específicas que, desenvolvidas, ganhariam vida própria" (p. 69). Em termos mais específicos,

os indivíduos se agregam em associações a partir de interesses e necessidades que definem conteúdos específicos. Mas para além desses conteúdos, o fato de se sentirem associados provoca satisfação em seus membros, a formação daquela sociedade como tal é em si um valor. O puro processo de sociação, a forma desse processo é, assim, um valor estético socialmente apreciado (Simmel *apud* Braga, 2008, p. 69).

Isso quer dizer que, segundo Simmel, a sociabilidade, para ele, é autônoma e independente, além de estética, fazendo os indivíduos, ao se associarem a outros, estabelecerem relações de pertencimento e satisfação. Já na perspectiva de Goffman (*apud* Braga, 2008), análoga ao pensamento de Simmel, há um "consenso operacional" na interação

social, isto é, os indivíduos, de modo voluntário, engajam-se, concordando superficialmente com as dinâmicas das interações.

A conservação desta concordância superficial é facilitada pelo fato de cada participante ocultar seus próprios desejos por trás de afirmações que apoiam valores aos quais todos os presentes se sente obrigados a prestar falsa homenagem. (...) Os participantes, em conjunto, contribuem para uma única definição geral da situação, que implica não tanto num acordo real quanto às pretensões de qual pessoa, referentes a quais questões, serão temporariamente acatadas, haverá também um acordo real quanto à conveniência de se evitar um conflito aberto de definições da situação. Referir-me-ei a este nível de acordo como um "consenso operacional" (Goffman *apud* Braga, 2008, p. 70).

No caso desta pesquisa, as interações digitais sobre a população em situação de rua no espaço de comentários do Instagram não somente mostram uma sociabilidade, ou seja, uma interação livre de atritos com a realidade, como abordou Simmel, mas também apresentam interações conflituosas, discordâncias e indagações. Nesse sentido, o "consenso operacional" descrito por Goffman é contundente, à medida que os participantes da dinâmica interacional, na maioria das vezes, concordam com as possibilidades que a rede social oferece para emitir múltiplas opiniões, como veremos de modos mais precisos no capítulo 4.

3. 2 Natureza dos dados

Começamos com a seleção da documentação, ou seja, a escolha das postagens analisadas da página SP Invisível no Instagram. Depois, o recolhimento dos dados, isto é, das interações digitais entre participantes comuns contidas nessas publicações e, por fim, a observação e interpretação, com base na fundamentação teórica apresentada nos capítulos 1, 2 e, parcialmente, do 3. Dessa maneira, restringe-se a um conjunto de 3 postagens, somando em média 1.400 comentários. Além disso, essa coleta está armazenada no Google Drive, além de ser compartilhada com, no mínimo, 2 endereços de e-mail. Particularmente, consta uma breve descrição da ONG, identificando a data de início do trabalho e o número de comentários, e também reúne as publicações previamente selecionadas, acompanhadas dos comentários organizados cronologicamente. Sendo assim, preservamos todos os dados possíveis, como data da publicação e de cada comentário, anexos e nome das/os comentadoras/es.

3.2.1 Apresentação do perfil do SP Invisível no Instagram

O SP Invisível é uma Organização Não-Governamental que surgiu em 2014 com a proposta de publicar histórias de vidas da população em situação de rua e narrativas das cidades nas redes sociais para potencializar as vozes humanas e repensar o modelo de metrópole, com ações assistencialistas pontuais que surgiram ao longo do tempo, como Natal Invisível, Páscoa Invisível e SP Sem Frio. A ONG, além de ter um site próprio (disponível em <www.spinvisivel.org>), também tem conta no Facebook e no Instagram (@spinvisivel).

No Instagram, até o dia 04 de junho de 2024, o SP Invisível acumulou 386 mil seguidores, seguiu somente 71 pessoas e tem 3.611 publicações, incluindo fotos e vídeos. Durante o período pandêmico da Covid-19, entre 2020 e 2021, foram desenvolvidas campanhas governamentais de educação, com o levantamento da hashtag #fiqueemcasa. No entanto, o SP Invisível, em resposta às medidas de proteção e em defesa da população em situação de rua, levantou a reflexão "e quem não tem casa?", e essa foi a frase de impacto que norteou as campanhas da ONG ao longo da pandemia.

Imagem 01 - página do SP Invisível no Instagram



3.2.2 Apresentação das postagens referentes aos casos concretos

Para escolher as postagens que utilizamos neste trabalho, foram observadas todas as publicações no Instagram do SP Invisível durante a pandemia. Percebemos que, como não conseguiam publicar muitas histórias de vida, como faziam em outros momentos, por conta

da Covid-19, compartilhavam no perfil notícias sobre a população em situação de rua durante a pandemia e dados relacionados que eram divulgados pelos veículos jornalísticos, bem como as medidas de proteção durante as ações assistencialistas que organizavam. Além disso, divulgaram relatos e ações de outras páginas que também estavam vinculadas às pessoas em condições de vulnerabilidade social como forma de terem conteúdo no *feed*.

Posto isso, escolhemos dois casos concretos, com base no maior número de interações nas caixas de texto, que passaram por um processo específico de coleta de dados. Particularmente, identificamos a data de início do trabalho e o número de comentários, e também reunimos as publicações previamente selecionadas, acompanhadas dos comentários organizados cronologicamente. Sendo assim, preserva-se todos os dados possíveis, como data da publicação e de cada comentário, anexos e o nome dos comentadores.

3.2.3 Caso 01: Morador em situação de rua é tratado como um animal

O post foi publicado em 30 de julho de 2020 no Instagram do SP Invisível e teve 11.383 curtidas e 897 comentários (como é possível ver na imagem abaixo). A publicação é um print de um veículo jornalístico não identificado e tem o seguinte título: "Morador de rua pede comida e recebe arroz com ração de cachorro". E o seguinte subtítulo: "A história de seu José Barrera aconteceu em Chetumal, Quintana Roo, no México". Embora eles só republiquem a notícia sem citar a fonte, ao fazer uma busca, observamos que o conteúdo viralizou e foi postada em diversos *sites*, como Revista Marie Claire, G1, Portal Raízes, entre outros locais, porém não encontramos o perfil exato da publicação em questão.

Somado a isso, a legenda escrita pelo SP Invisível: "*Quando a gente fala sobre a necessidade de humanizar o olhar das pessoas é para não ouvirmos mais histórias como essa. Muita gente ainda não enxerga as pessoas em situação de rua como um semelhante, alguém que possui história, nome, vontades e sonhos. Quem se alimentaria com ração de cachorro em casa? Então como podemos oferecer o que não comeríamos, vestiríamos ou usamos?*".

Imagem 02 - caso concreto 01 postado no Instagram do SP Invisível



3.2.4 Caso 02: Bia Doria diz que é errado dar comida para moradores em situação de rua

O vídeo foi publicado em 03 de julho de 2020 no Instagram do SP Invisível e teve 32.865 visualizações e 439 comentários (como é possível ver na imagem abaixo). A publicação é um print de uma publicação postada no próprio instagram de Bia Dória, esposa de João Doria, no qual ela diz: "Falando dos projetos sociais, algo muito importante é assim... as pessoas que estão na rua... não é correto você chegar lá na rua e dar marmita, porque a pessoa tem que se conscientizar que ela tem que sair da rua, porque a rua hoje é um atrativo, a pessoa gosta de ficar na rua. A pessoa quer comida, roupa, ajuda, e não quer ter responsabilidade. Isso está muito errado, porque, se queremos viver em um país [...] todos temos que ter responsabilidades [...]".

Somado a isso, a legenda escrita pelo SP Invisível: *"Esse texto poderia ser sobre a Bia Dória e a Val Marchiori, especificamente, mas queremos falar sobre o que ele sinaliza. Sobre um pensamento individualista e meritocrático que domina a cabeça de bastante gente, hoje em dia. Quando vemos alguém em situação de rua, não estamos diante do resultado de escolhas individuais de uma pessoa que levou ela chegar até ali. Como se fosse simplesmente, ela não ter feito o que fez, levaria ela a outro lugar, ou como se dependesse apenas dela a saída daquela situação. Quando vemos alguém em situação de rua, estamos diante do resultado de uma falha estrutural de políticas públicas que não conseguiu garantir dignidade a famílias e casas, não conseguiu dar saúde mental, emprego, educação para as pessoas. Porém, mais do que isso: estamos diante de uma falha humanitária. Perdemos a capacidade de nos ver no próximo, perdemos a capacidade de entender que o fato de alguém dormir num chão frio da cidade é problema meu, sim, pois aquele corpo estendido pedindo comida, não diz sobre a vida dele, mas diz sobre como não consegui cuidar do meu irmão e da minha irmã. Dar ou não comida não é ponto principal. Dar ou não comida é consequência de uma mentalidade e de um coração que entende que é seu dever cuidar do seu próximo, seja ele a pessoa de dentro da sua casa, seja ele sem casa. Quem em sã consciência, gostaria de passar frio e passar fome, ao invés de ter uma casa? Do jeito que elas falam, parece que a rua é um hotel 5 estrelas. "Ah, mas já ouvi alguém dizendo que gostava da rua" - Essas histórias são excessões. É desonestidade pegarmos isso e generalizarmos. A maioria quer sair e pra sair, não há segredo: é casa. Antes mesmo do emprego. Antes mesmo de um salário. Porém isso é um processo, e durante esse processo de dar casa para as pessoas, elas precisam sim ter vida digna nas ruas, com alimentação, proteção, documentação, lazer e tudo que eles tem direitos, pois são seres humanos".*

Imagem 03 - caso concreto 02 postado no Instagram do SP Invisível



Imagem 04 - relacionada ao caso concreto 02 postado no Instagram do SP Invisível



O vídeo acima foi publicado em 08 de julho de 2020 no Instagram do SP Invisível e teve 18.132 visualizações e 65 comentários (como é possível observar na imagem). Nele, o morador em situação de rua diz: "Ela falou que a população quer ficar na rua porque tem comida, porque tem as coisas. A população está na rua, Seu Governador e Senhora Primeira Dama, porque não tem política. Política de habitação, política de saúde, política de educação pra essa população. Se vocês garantissem a frente de trabalho para tirar a população da rua, ela não seria mal interpretada. Ela está sendo preconceituosa dizendo que as pessoas não querem sair da rua porque têm comida. As pessoas morrem de fome, principalmente agora na pandemia". Somado a isso, a legenda escrita pelo SP Invisível: "*Manifestação da população em situação de rua que começou ontem em frente a prefeitura, pedindo o acolhimento no setor hoteleiro, durante a pandemia e o inverno, com repúdio também a fala de Bia Dória. Hoje estaremos lá ouvindo histórias e faremos uma live*".

Em contrapartida, outras postagens, no entanto, não conseguem obter essa performance e essa atenção dos comentadores. Ou seja, observamos que, ao contrário das imagens e vídeos apresentados acima e que viralizaram, dentro e fora do Instagram de ONGs,

há publicações do primeiro semestre de 2020 que receberam poucos ou nenhum comentário. Esse é o caso, por exemplo, dos cartoons postados no perfil do SP Invisível, como podemos observar abaixo que, apesar de ter o intuito de impactar, somente 3 comentadores se manifestaram nas caixas de resposta.

Imagem 05 - exemplo extra, postado no Instagram do SP Invisível



3.3 Procedimentos analíticos

Depois de selecionadas as publicações, pensamos em como interpretar os dados. Nesta parte dos procedimentos analíticos, lemos todos os comentários e observamos padrões que se repetem. Para tanto, buscamos as recorrências encontradas nas caixas de texto. Para exemplificar, na recorrência "privilégios de classe", há diversos comentários cujas discussões podem ser classificadas dessa maneira, ou seja, que a temática culmina em sentidos relacionados a esses privilégios. É importante ressaltar também que tais casos concretos são

amostras de um todo. Na impossibilidade de observar todos do perfil do SP Invisível, escolhemos 2 que ilustram o fenômeno. A partir disso, dentre esses inúmeros comentários, escolhemos algumas interações que servem de exemplo, que serão observadas no capítulo 4.

4. UM ESTUDO DE CASO SOBRE O PERFIL DA ONG SP INVISÍVEL NO INSTAGRAM

Consideramos este quarto, e último capítulo, o mais importante desta monografia, já que é representado pela observação do material selecionado. Ou seja, é onde, verdadeiramente, contribuímos neste trabalho, ao analisarmos as interações digitais no Instagram do SP Invisível e o perfil da ONG na rede social em questão. Para tanto, ele está dividido em duas partes, sendo a primeira a observação da ONG propriamente dita e do perfil no Instagram, fundamentada no aparato teórico contido no capítulo 1, evidenciando a perspectiva ecológica das mídias. Já a segunda parte, consta das interações digitais analisadas nas caixas de texto, com base nas teorias da interação social e, também, da fundamentação teórica sobre a população em situação de rua, contida no capítulo 2.

4.1 Tornando o invisível visível: o caso do SP Invisível

Partindo da premissa do que vimos no capítulo 1 sobre a Escola de Chicago, a respeito de a sociologia ser fundamentada nas pessoas e suas interações da vida cotidiana, em um mundo de sentidos produzidos, por meio de definições que concorrem, convergem e divergem sobre a realidade (Braga e Gastaldo, 2009), é possível associar ao SP Invisível (@spinvisivel). Nas redes sociais das ONGs, de modo geral, especialmente nas caixas de texto onde é possível discordar e concordar com a enunciação e/ou como as/os demais participantes, a interação é possibilitada.

Em outros termos, o perfil do SP Invisível no Instagram é uma rede que serve como ferramenta e fornece a possibilidade de as/os participantes expressarem as suas opiniões, independentemente de quais sejam elas, numa tentativa de repensar conceitos atrelados à metrópole e à extrema pobreza. Seguindo essa lógica, sob a perspectiva de Braga (2008), observamos que há uma distinção entre sociabilidade e interação, sendo a primeira uma interação sem objetivos. Já a segunda, é uma forma politizada da sociabilidade.

Sendo assim, os comentários nas caixas de texto do perfil do SP Invisível vão ao encontro do que, particularmente, acredita-se ser uma interação, uma vez que a ONG tem um

viés político e uma ideologia de repensar o modelo de cidade. Dessa maneira, além de as publicações defenderem a visão da população em situação de rua, as interações digitais sobre as postagens também acompanham tal viés e politizam a sociabilidade, fazendo-a chegar ao seu fim. Em paralelo, isso pode ser explicado, também, por Mead (*apud* Braga e Gastaldo, 2009), quando formula que o ato humano se difere dos atos dos animais, já que o indivíduo seria previsível e estável.

Contudo, ao analisar o perfil do Instagram em questão, é possível observar e ousar dizer que há uma tentativa dos co-fundadores e administradores da página de tornar o não-visível, ou seja, a população em situação de rua, que são considerados pejorativamente como "animais", em visível, ou seja, humanos, e vistos de maneira digna como outros humanos. Mais precisamente, tornam a rede social da ONG em um lugar de conversa, de exposição e externalização de opiniões diversas sobre pessoas em extrema vulnerabilidade social, ao repensar e ressignificar as relações humanas, buscando configurar os espaços das caixas de texto, para além de comportar as interações digitais, em locais de inclusão e estabelecimento de relações de pertencimento.

Somado a isso, no que se refere à perspectiva ecológica das mídias (Strate, Braga e Levinson, 2019), ao pensarmos nas mídias para além dos seus conteúdos, ou seja, nos efeitos, é plausível nos questionarmos sobre as finalidades das mídias, mais especificamente das redes sociais do SP Invisível, seja elas boas ou más, partindo da premissa de que toda tecnologia tem uma ideologia. Por se tratar de uma ONG que é a favor da população em situação de rua e se autodeclara contra estigmas e preconceitos, observamos que ela tem um viés político, econômico, tecnológico, social e cultural.

Isso significa que, se toda tecnologia traz consigo um viés tecnológico, as redes sociais de organizações não-governamentais e/ou sem fins lucrativos defendem estratos sociais que ainda não alcançaram a plenitude dos seus direitos. No caso do SP Invisível no Instagram, utilizam as redes sociais para empoderar a causa dos "invisíveis sociais" e gerar reflexões sobre o modelo de metrópole que os paulistas, que moram na capital de São Paulo, planejam ter. Concomitantemente, abordam questões sociais sob pontos de vista diferentes da grande mídia de massa, que pode vir a ter uma outra visão de mundo e ideologia distinta ao ir ao encontro de um pressuposto mercadológico e capitalista, e valorizando mais certas coisas, como, ousamos dizer, meandros elitistas, e menos outras, como a defesa de pautas sociais de classes minoritárias.

De acordo com Strate, Braga e Levinson (2019), no que se refere à tecnologia ter sido, durante muito tempo, sinônimo de progresso, e ecologistas das mídias desafiarem o que,

na verdade, seria esse conceito, os defensores da causa da população em situação de rua, o perfil do SP Invisível, também relativizam tal questão. Isso porque, assim como a rede social gera muitos benefícios como, por exemplo, ajudar a propagar e amplificar as diversas vozes existentes na sociedade e, principalmente, incluir, efetivamente, os indivíduos à margem dela, também acarreta malefícios.

Em outras palavras, se toda ação tem uma reação, esses benefícios são distribuídos de maneira desigual, e podem criar grupos de "vencedores" e "perdedores". Isto é, ao mesmo tempo em que as redes sociais parecem unir os indivíduos, também podem separá-los, fazendo crescer a intolerância e separando comunidades e grupos (Strate, Braga e Levinson, 2019). Sob essa perspectiva, a população em situação de rua, ou melhor, coletividades humanas à margem da sociedade, são consideradas "perdedoras", já que estão fora de um "universalismo técnico". Nesse sentido, considerando que no mundo atual o que está fora do "mapa tecnológico" não é visto/visível, os agrupamentos humanos que não têm acesso a essa tecnologia são "invisíveis". Assim, a difusão de informações sobre a extrema pobreza nas redes sociais, ao mesmo tempo em que pode ser uma tentativa de conscientização, pode aumentar a segregação e a amplificação da desigualdade, justamente pela falta de acesso dessas pessoas a essa tecnologia.

Além disso, "as mídias formam o ambiente invisível que habitamos, invisível não por sua transparência visual, mas devido à nossa própria cegueira em relação a elas" (Strate, Braga e Levinson, 2019, p. 43). Assim, é possível fazermos uma analogia à população em situação de rua, que é comumente "invisível", nos ambientes, sejam eles digitais ou físicos. O epifenômeno da extrema pobreza se torna demasiadamente não-visível e, consequentemente, para muitos, é supostamente considerado comum, banal e normalizado, parte do cotidiano.

Desse modo, por um ponto de vista particular, analítico e ensaístico, a metrópole é vista como figura principal, ou seja, para onde nossa atenção é dirigida, e a extrema pobreza é o fundo periférico e, portanto, despercebido. Para reverter essa relação entre figura e fundo, segundo McLuhan com relação às mídias (Strate, Braga e Levinson, 2019), é preciso "tornar o invisível visível, tornar-se consciente de nosso ambiente, obter novos insights e compreensões tanto da figura quanto do fundo" (p. 44). A fim de dar rumo a essa reversão, as redes sociais de ONGs servem como meio para difundir histórias sobre a população de rua e, concomitante a isso, questionar o ideal de progresso.

Paralelamente, fazendo referência aos estudos de McLuhan (1974) e às mídias enquanto objeto técnico que serve de mediação com o mundo físico, é possível olharmos para o Instagram do SP Invisível como uma mídia/tecnologia que permite que os seres humanos

estendam suas próprias capacidades. Isto é, em outros termos, partimos da premissa de que o perfil da ONG amplia uma ideologia, permitindo um prolongamento da empatia e de uma visão de mundo específica a favor da população em situação de rua. Embora o pensamento de McLuhan vá ao encontro de uma extensão dos sentidos, ousamos explorar nas nossas teorizações a extensão de um viés, de uma percepção da vida cotidiana.

Ainda refletindo sobre o que McLuhan (1974) chamou de "extensões", é como se, no pensamento dos indivíduos que desprezam a população em situação de rua, somente a Internet e os meios eletrônicos fossem extensões importantes, ignorando outros aparatos técnicos que também são tecnologias. Por exemplo, a linguagem, a comunicação simbólica e a criação de significado definem a espécie humana. Então, a população em situação de rua, mesmo não estando no "mapa tecnológico", tem diversos objetos técnicos e ferramentas para construir o seu próprio mundo simbólico na vida cotidiana, nas interações e nas próprias singularidades, e as redes sociais das ONGs que defendem a causa ajudam a amplificar esse discurso e as vozes silenciadas.

Para ecologistas das mídias contemporâneas, "o perigo está em um ambiente de mídia desequilibrado, em que o conhecimento se torna propriedade de poucos privilegiados, e não da população como um todo, e a sabedoria quase desaparece no ruído e na confusão da sobrecarga de informações" (Strate, Braga e Levinson, 2019, p. 124). Seguindo essa linha de raciocínio e com base no que já foi observado, é ousado, mas viável, pensarmos em uma "entropia", ou seja, em um certo grau de desordem no ambiente midiático, uma vez que, como as coletividades humanas minoritárias não têm acesso às publicações sobre eles mesmos, por não estarem inseridos na esfera tecnológica, dependem de outros indivíduos e organizações sem fins lucrativos e/ou não-governamentais para serem ouvidos nesse meio. Consequentemente, o poder da fala não está sob o controle de si mesmo.

Com relação ao aforismo "o usuário é o conteúdo" de McLuhan (1974), se cada membro de uma audiência incorpora o que ela vê e ouve de acordo com as suas próprias categorias e conhecimentos de fundo, as/os participantes das interações nas caixas de texto do Instagram fazem do conteúdo do SP Invisível algo que serve para eles relacionarem às suas próprias necessidades. Para exemplificar, a interpretação a respeito de um conteúdo sobre população em situação de rua pelo ponto de vista de um indivíduo que apoia a causa será, evidentemente, diferente de um membro de um grupo de extermínio étnico, uma vez que os sistemas de valores dessas duas pessoas não são iguais.

E tais redes sociais possibilitam a sociabilidade e a interação, à medida em que os encontros virtuais, no mundo contemporâneo, são comentados e documentados na Internet

pelos participantes das dinâmicas digitais" (Braga, 2011). Ao fazer uma analogia aos espaços destinados aos comentários no Instagram do SP Invisível, observamos que as interações são marcadas por um compartilhamento de interesses em comum, uma vez que os/as comentadores/as são majoritariamente a favor da causa da população em situação de rua e de pautas referentes às coletividades humanas minoritárias. Cria-se, dessa maneira, relações de "comunidade", que são, na maioria das vezes, recíprocas entre quem participa e opina sobre o enunciado. E, apesar de os conteúdos serem, em sua maioria, sobre São Paulo, como a Internet facilita a formação de grupos, mas sem vínculos territoriais, qualquer comentador/a de outra metrópole brasileira e/ou de cidades pequenas do Brasil pode interagir.

Com isso, conseguimos entender que o Instagram da ONG SP Invisível busca ser um lugar de interações simbólicas e digitais. Posto isso, buscamos entender o que internautas compreendem sobre os invisíveis que estão fora da Internet e como reagem diante das postagens, em publicações veiculadas durante a pandemia. Escolhemos o período pandêmico porque foi quando houve um maior número de comentários nas publicações e maior vulnerabilidade. Algo que vale dizer aqui é que, em 2020 e 2021, a mídia de massa criou uma campanha educacional que dizia #fiqueemcasa. E o SP Invisível respondeu: "E quem não tem casa?". Então, a principal pergunta desta pesquisa, e que desenvolveremos melhor no próximo tópico, é: Como participantes do perfil da ONG entendem a população em situação de rua? Como negociam os sentidos na definição de realidade que pretendem mudar? Como entendem a situação de rua a partir das postagens da ONG?

4.2 Interações digitais no Instagram do SP Invisível

Ao observar as interações digitais nas caixas de texto do Instagram da ONG SP Invisível, percebemos algumas recorrências nos comentários — algumas que, até mesmo, repetem-se nos casos concretos 01 e 02 —, mais especificamente quatro padrões foram encontrados entre as/os participantes na dinâmica interacional. Tais recorrências, que culminam em categorias analíticas, encontramos nas publicações já apresentadas no capítulo metodológico. São elas: a) "A humanidade falhou": julgar e punir; b) "Botocadas e fúteis": o pequeno mundo dos privilégios; c) Deus, Jesus e amor como salvação; d) e "Somos luzes que faíscam no caos": distinção e crítica social. Sendo que a primeira foi a que encontramos mais vezes durante a observação e a última a menos recorrente. Abaixo, é possível observar minuciosamente cada uma delas.

4.2.1 "A humanidade falhou": julgar e punir

Os/as comentadores/as, nesta categoria analítica, consideram-se justiceiros, ao julgar e punir. Nesse sentido, criticam atos de negligência de outros indivíduos para com a população em situação de rua e os consideram injustos, sem ao menos questionar a veracidade da publicação. Há uma contradição de as pessoas se "apiedarem" do morador em situação de rua, mas indicarem que os praticantes do ato tivessem penas muito maiores do que aquelas que elas estão organizando. Em outras palavras, julgam, condenam e punem com discursos que apontam para atitudes ainda mais violentas. Logo, nesta categoria, estão contidos comentários que passam a duvidar da humanidade e a lamentar pelo seu destino e o rumo do mundo contemporâneo. Nela, são usadas palavras de baixo calão, pedidos de punição/sanção, expressões de raiva, nojo e horror, especialmente uma desumanização das próprias pessoas, como veremos nos exemplos abaixo.

CATEGORIA 01:

- 

juhhcyrino Se eu encontro o animal que fez isso com o sr eu faço comer um pacote de 20 kg de ração

201 sem Responder Ver tradução
- 

_suhavesss Mano, tem ser humano que tinha que queimar no fogo do inferno. Desprezível essa atitude tão medíocre... 🤔 meu coração tá doendo!

201 sem Responder Ver tradução
- 

eusouketlin Sinceramente, às vezes penso que seria melhor que acontecesse com a raça humana o que aconteceu com os dinossauros. Cansa ver tanta gente ruim nesse mundo.

201 sem Responder Ver tradução
- 

sarasgamatoo Eu sei que é errado. Eu sei. Mas já descobriu quem , p dar uma bela de uma surra?

201 sem Responder Ver tradução
- 

fabianabrites Tem que punir severamente!

201 sem Responder Ver tradução



euro_joias Gente do céu se eu pego a pessoa que fez isso acho que mato ...



201 sem Responder Ver tradução

Nesta primeira categoria, referente ao caso concreto 01, observamos que há uma vontade latente por parte dos/as comentadores/as de dominar o discurso e todos os mecanismos de poder. Partimos do pressuposto de que, como na sociedade há uma evidente separação entre discursos que são de direitos privilegiados, ou seja, lógicos e organizados, e outros considerados ilógicos, os/as participantes da dinâmica interacional acima gostariam de estar no controle desse sistema. Isto é, de definir e de classificar tais discursos.

Há indivíduos que, por meio de comentários agressivos, como a fala de @fabianabrites, exigem justiça e punições severas às pessoas que comumente abordam a população em situação de rua de maneira pejorativa e se referem a ela como "vagabundos", "animais" e destituídos de discurso. Isto é, em nome de uma causa nobre, todos/as os/as participantes e comentadores/as dos exemplos acima são cruéis e violentos. Isso quer dizer que há um desejo em ter um direito privilegiado para falar e em obter poder para, além de se tornar autoridade e punir de alguma maneira, também ter a oportunidade de potencializar as vozes que são silenciadas.

Uma vez que a população em situação de rua é colocada no campo da ausência de lógica e de sentido, não detêm o direito de falar e de produzir discurso. Em outras palavras, são vistos como marginais, um desvio da normalidade social, e é atribuída a eles uma identidade subversiva. Nesse sentido, o tratamento que recebem fere o direito à cidade, sendo pertencentes a um grupo social fragilizado diante de grupos sociais dominantes. Somado a isso, ousamos dizer que também são destituídos do direito de interagir e de socializar, por conta de estarem fora do "mapa tecnológico", viverem à margem de um sistema capitalista preestabelecido e incrustado na sociedade contemporânea e, ainda, pelas suas vozes serem consideradas incoerentes, "invisíveis" e irrelevantes.

4.2.2 "Botocadas e fúteis": o pequeno mundo dos privilégios

Nesta categoria, estão contidos os comentários que remetem aos privilégios de classe, distinção e ironia. Ou seja, as duas mulheres que estão no vídeo do caso concreto 02 são alvos de adjetivos como "botocadas"⁸ e "fúteis", por se tratarem de pessoas de classes privilegiadas da sociedade, fazerem procedimentos estéticos e demonstrarem um ponto de

⁸ Para se referir a quem fez botox, um procedimento estético.

vista preconceituoso com relação à população em situação de rua. Observamos que o ataque à aparência é uma maneira de julgar diante de um momento de raiva, quando se procura defeitos nos outros como estratégia de depreciação. Concomitantemente, usa-se a ironia por meio de palavras com o sentido oposto para dar ênfase ao discurso.

CATEGORIA 02:

- 

fer_lsergio Infelizmente, os ricos os poderosos acham que o pobre é pobre porque ele quer, o miserável é porque ele quer, portanto infeliz de quem pensa assim e age da forma que está medíocre senhora ou cidadã mencionou na fala dela e depois querendo se redimir das idiotices que fez pedindo desculpas, eu acho que pessoas desse porte deveria e de estar em outro lugar do mundo menos na política dependendo e vivendo no meio da sociedade. Foi muito infeliz está cidadã.

205 sem Responder Ver tradução ...
- 

prescrive Vocês duas nunca saberão o que é viver sem escolhas pois vcs duas são ricas e soberbas...Tem gente q é tão pobre mas tão pobre q a única coisa q tem é o dinheiro nunca terá empatia e amor empatia pelo semelhante

205 sem Responder Ver tradução
- 

jacneri Vergonha total! As mulheres todas falsas pela cirurgia e sobretudo feias por dentro, vivendo no pequeno mundo de privilégios

205 sem Responder Ver tradução
- 

gabrielasoaressdf Ai é realmente a rua é um atrativo todo mundo ama ficar lá pq parece a Disney

205 sem Responder Ver tradução
- 

anavsalerno É verdade isso. Eu mesma adoro ficar nas ruas, suja, tratada como um animal, passando fome e frio, sendo abusada, dividindo meu papelão com os ratos, pegando sol e chuva, vento e sereno. É diversão pura. Só não vê quem não quer!!

205 sem Responder Ver tradução ...

Nos comentários acima, é possível perceber uma evidente indignação com relação à fala de Bia Doria, referindo-se ao caso concreto 02. Observamos que a economia monetária, além de se instituir como padrão no uso do instrumento dinheiro e estabelecer uma separação entre as pessoas e as "coisas", como formulado no capítulo 2 desta monografia, também culmina em uma separação entre os próprios indivíduos. Partimos da premissa de que, por

meio da prática neoliberal, que incentiva os sujeitos a competirem entre si para crescerem economicamente e materialmente, fazendo o capitalismo se transformar, paulatinamente, em um "turbocapitalismo", o dinheiro não somente estabelece uma nova forma de interação social, como faz com que esse novo modelo separe as pessoas por classe social.

Essa segregação, do nosso ponto de vista, modifica também as interações sociais, à medida que a economia monetária, evidenciando um ponto de vista neoliberal, passa a ser idolatrada, especialmente entre as classes mais altas da sociedade. Por consequência, as classes mais baixas e subalternas são configuradas como "perdedoras" e à margem de um sistema capitalista que impacta as formas típicas de sociabilidade e socialização modernas, ocupando um lugar de sujeitos que "reclamam" e clamam por respeito, diametralmente opostos aos que ascenderam socialmente, que são considerados por eles como "soberbos", "pobres de espírito" e "carentes de empatia".

O "turbocapitalismo", ao "dobrar a aposta" e intensificar as práticas capitalistas e neoliberais, abre, de forma ainda mais mercadológica e competitiva, a possibilidade de desenvolvimento individual. Tal desenvolvimento, que dá ênfase no "eu", é um obstáculo que impede que os indivíduos "olhem para os lados". Pressupomos que estes se preocupam somente consigo mesmos, alegando que participam de um sistema meritocrático e justo. Consequentemente, pelo ponto de vista dos anti-neoliberais, gera uma falta de empatia para com os demais, fazendo-os viver em um "pequeno mundo de privilégios" e usar o dinheiro para fins estéticos, ou melhor, direcionar os bens econômicos para o "eu" e negligenciar o "Outro".

Somado a isso, por mais que o dinheiro, para alguns sociólogos seja considerado neutro, os seus efeitos, após circular em sociedade, podem ser diversos e ideológicos. Aqueles que o possuem em grande quantidade e/ou são considerados como defensores do neoliberalismo, e alienados de causas sociais, aparentemente defendem uma ideologia carregada de preconceitos e julgamentos, estigmatizando as classes sociais que não participam e não concordam com as práticas capitalistas e neoliberais. Podem, dessa maneira, ter um ponto de vista etnocêntrico com relação aos demais, pautando-os pelo critério da falta de participação na economia monetária e falta de progresso econômico, enquanto a enunciação é vinculada a um excesso de privilégios.

4.2.3 Deus, Jesus e amor como salvação

Nesta terceira categoria, abordamos as causas nobres, fundamentalistas e o viés religioso. Nela, é muito evocado o "Meu Deus" como interjeição de espanto sobre uma situação inimaginável do ponto de vista do/a comentador/a. No entanto, outra questão é o "Deus" propriamente dito e o amor como salvação. Somado a isso, perfis de Instagram de pessoas atreladas à religiosidade são citados e marcados nos comentários, como o de Padre Júlio Lancellotti (@pejuliolancellotti), dando a ele uma responsabilidade de "salvador" e "enviado por Deus" e, ao marcá-lo, imaginamos que o/a participante tenha o intuito de esperar não somente por uma resposta, mas uma ajuda de algo/alguém que é associado ao "Ser Supremo".

CATEGORIA 03:

-  **breno_cruz_** O mundo precisa mais de Deus. lamentável 🙏 ❤️
201 sem Responder Ver tradução
-  **alessandraerica55** Se Jesus tivesse voltado, essas pessoas já o teriam matado. ❤️
205 sem Responder Ver tradução
-  **ellenkarine02** Imagino que Deus ainda vai permitir a gente passar por muitas pandemias para ver se o ser humano evolui. 🙏🙏 ❤️
201 sem 1 curtida Responder Ver tradução
-  **cardosoizaa** 🙏🙏 mds, o amor vem se esfriando cada vez mais ❤️
201 sem Responder Ver tradução
-  **aricippiciani** Que falta de amor e compaixão... A gente só oferece ao próximo aquilo que o coração está cheio. Tenho certeza que algum coração bom, bem pertinho deste irmão será tocado pelas mãos de Deus e estenderá as mãos com um belo prato de comida. 🙏❤️
201 sem Responder Ver tradução

Após observar os comentários, pressupomos que o mundo atual é visto pelas/os participantes como provisório e descartável. Como vimos em outros capítulos sobre a sociedade contemporânea ser comumente vista como dominada pelo desprezo e pela dimensão histórica da vida, partimos da premissa de teóricos que defendem que a aceleração

do tempo e do espaço fez os indivíduos perderem a dimensão de tempo histórico, culminando em uma sociedade do atual que somente valoriza o instante e perde a perspectiva de futuro diante de um questionamento sobre o momento presente. E tal questão é, sob o nosso ponto de vista, criticada pelas/os comentadoras/es, uma vez que, aparentemente, para eles/as é importante voltar ao passado para compreender o agora e projetar novos tempos.

No entanto, esse retorno ao passado é marcado por um nível de nostalgia de períodos que já não existem mais, com um forte embasamento religioso e fundamentalista. Para os/as participantes, a volta de uma percepção de mundo, onde Deus era o centro do universo, sob uma perspectiva teocêntrica, seria a "salvação" da sociedade contemporânea. Por exemplo, quando @cardosoizaa argumenta que "o amor vem esfriando cada vez mais", concluímos que, para ela, a razão e a racionalidade, atrelada à sociedade contemporânea, exclui o amor, fazendo ele ser associado a uma época pautada pelo fundamentalismo, que foi esquecido com a ascensão do Iluminismo, do período após a Segunda Guerra e também pelos ideais capitalistas.

Somado a isso, o caso concreto 01, cujos comentários observamos acima, fazem-nos refletir e formular que o ser humano, ao ser destituído de bens materiais e dormir na rua, é considerado primitivo. Dessa maneira, é visto como "ultrapassado", "atrasado", "incompleto" e destituído de raciocínio lógico. Tais juízos de valor, ao externalizados, não somente culminam em discursos etnocêntricos e preconceituosos, mas também em atitudes que tratam o Outro como um animal irracional. Assim como os favelados, que dependem da "xepa" para sobreviver, ou seja, de comida do lixo, como visto nos textos de Carolina Maria de Jesus, a população em situação de rua é, além de também ser "predestinada" a morrer de fome e ser escrava do custo de vida, é tratada como os corvos que comem qualquer alimento.

4.2.4 "Somos luzes que faíscam no caos": distinção e crítica social

Nesta última categoria, chamamos atenção para o viés político e os relatos pessoais de participantes nas caixas de texto. No que se refere ao viés político, por uma das pessoas presentes no vídeo do caso concreto 02 ser Bia Doria, ou seja, esposa de João Doria⁹, os ataques são atrelados às pautas políticas, tanto a ele quanto a ela, e emergem comentários que podem ser classificados como críticas sociais. Isto é, nas interações, observamos que os/as comentadores/as utilizam as caixas de texto como ferramenta para cobrar o Estado e relembrar os governantes de suas obrigações. Para tanto, alguns perfis apresentam relatos

⁹ João Doria é ex-político. Em 2020, durante a pandemia da Covid-19, era Governador de São Paulo.

peçoais a fim de reforçar que, por meio das suas experiências empíricas, denunciam a realidade sem ficção.

CATEGORIA 04:



alexandra.basilio.terapeuta Concordo com vc e como o texto fala da falência estrutural do Estado. Ninguém mora na rua porque quer...



205 sem Responder Ver tradução



ninatribeiro falou as patroas ricas e entendedoras da situação! hahahahah que nojo! primeiramente que nem abrigo suficiente para os moradores de rua tem, a maioria não tem opção, não tem apoio, e sobrevivem da "marmitta" que as pessoas dão.



205 sem Responder Ver tradução



dere_souza E se o cidadão decide ir pra rua por não se enquadrar nessa merda de modelo que vivemos? Abrigo? Internação compulsória? É isso que o Estado e a Sociedade tem para oferecer?



205 sem Responder Ver tradução



maisasanttanna Trabalho perto de uma praça que tem alguns moradores de rua, um é ex- presidiário, não conseguiu chance de trabalho, por ter antecedentes e por isso mora em uma barraca, sempre o vejo vendendo cerveja pra conseguir uma graninha. O outro é mudo, aparentemente tem problemas mentais sempre que dava levava comida, suco e um docinho para alegrá-lo. Gente são pessoas, seres humanos, ver todo dia aquelas pessoas acordarem ao relento não é bonito, ninguém, absolutamente ninguém quer estar na rua. Como esses moradores que eu citei muitos devem ter situações parecidas, muitos também tem problemas psiquiátricos e ficam jogados na rua sem um auxílio da prefeitura. Aí vem a bonitinha falar de responsabilidade? E cadê a responsabilidade do governo com essas pessoas também? Fala de abrigos, mas não tem pra todos. Olha é difícil viu. Já não basta a situação atual estar ruim ainda temos que ver essa criatura que vive numa bolha luxuosa falar que morador de rua tá ali pq a rua é atrativa. 🙄🙄🙄



205 sem 1 curtida Responder Ver tradução ...



josi_lais Realmente é uma mistura de sentimentos e comigo no final sempre termino em lágrima, por saber que é um ser humano passando por isso. A um tempo atrás trabalhei com moradores em situação de rua e o que mais me doe que essa cena é o que mais acontece. Eu mesma presenciei isso e fiquei indignada e fui junto a moradora de rua as lágrimas... Muito triste. Precisamos mudar, precisamos ajudar ...



201 sem Responder Ver tradução

Nesta última categoria, referente ao caso concreto 02, percebemos que há uma crítica com relação às falas de Bia Doria. No comentário de @alexandra.basilio.terapeuta, observamos que tal questão se refere a um desconhecimento por parte de Bia sobre a heterogeneidade das pessoas em situação de rua. Quando Alexandra diz que "ninguém mora na rua porque quer", ela está indo contra o argumento e o pressuposto de que as coletividades humanas em extrema vulnerabilidade social são um grupo homogêneo que está nas ruas pelos mesmos motivos e destituídos de subjetividades. Aparentemente, defende o ponto de vista de que cada indivíduo que dorme nas ruas tem uma história singular a contar.

E como a política e o poder são algumas das temáticas relacionadas à população em situação de rua e ao epifenômeno da extrema pobreza, os comentários desta categoria atrelam os discursos pejorativos não somente à Bia Doria, mas ao seu marido João Doria, especialmente por ele, na época em que a publicação viralizou, ser Governador de São Paulo. E tais temáticas e eixos, por serem estruturais, observamos as críticas plausíveis de participantes para com a negligência do Estado no que se refere a falta de fornecimento de abrigos com mais espaço e vagas para quem precisa. Ou melhor, à questão da falta de políticas públicas eficientes e eficazes, como podemos notar nos comentários de @ninatribeiro e @dere_souza.

Por meio de relatos pessoais, como nos comentários de @maisasanttanna e @josi_lais, é possível observar o esforço de participantes para contarem as próprias experiências em prol de expandirem as diferentes visões sobre a população em situação de rua. Além disso, inferimos que também é uma tentativa de mostrar aos demais a realidade das ruas pelos olhos da população em extrema vulnerabilidade social, concomitante às maneiras de levar os outros a sério. Em outros termos, explicitam que esse Outro, que é considerado "diferente", "exótico" e, especialmente, destituído de raciocínio lógico, tem a sua própria maneira de viver e de ser, bem como o seu próprio ideal de progresso. E que ele, assim como outras coletividades humanas subalternizadas, fazem sentido, logo os seus pontos de vista devem ser levados em consideração.

CONCLUSÃO

De acordo com o que vimos ao longo dos capítulos, a sociedade civil se nega a ver de verdade a existência dessas pessoas e o direito que elas têm de acesso à metrópole. Isso quer dizer que vemos a cidade grande e a rua como lugar de passagem, enquanto eles veem como lugar de moradia. Assim, muitas pessoas se afastam e silenciam esse Outro, como se não pudessem conversar e interagir com quem não existe ou é, de modo pejorativo, "diferente", culminando em uma cidade que é, de uma certa maneira, "invisível".

Outra questão é que a população em situação de rua é considerada por muitos como "fora do mapa tecnológico". Por isso, as mídias eletrônicas, especialmente a internet e as redes sociais de ONGs, são locais onde é possível amplificar as vozes que foram ofuscadas por uma sociedade predominantemente tecnológica. Isso faz sentido quando pensamos que toda tecnologia tem uma ideologia, porque a intenção dessas ONGs é transformar o invisível em visível e portador do próprio discurso.

Esse processo acontece porque a proposta do perfil do SP Invisível no Instagram é publicar histórias de vida de população em situação de rua, então essas narrativas, que quase ninguém pára para escutar e ver, quando são expostas no mundo digital, buscam fazer os internautas repensarem as dinâmicas da cidade e o modelo de metrópole, além de, por meio das publicações, mostrar ações assistencialistas e demais propósitos. Então, usam os recursos dessas tecnologias para mostrar o que pela arquitetura urbana e a vida acelerada no neoliberalismo, duas coisas muito repletas de tecnologia, não é mostrado.

Por meio da tecnologia, neste caso o Instagram da ONG SP Invisível, agrupamentos humanos podem ganhar visibilidade, já que o mundo contemporâneo é demasiadamente tecnológico. Então, o que não está dentro da tecnologia, é invisibilizado. E, no que se refere à perspectiva ecológica das mídias, a difusão de informações sobre a extrema pobreza nas redes sociais, ao mesmo tempo em que pode ser uma tentativa de conscientização, pode aumentar a segregação e a amplificação da desigualdade, por conta da falta de acesso dessas pessoas aos aparatos tecnológicos. Logo, se a tecnologia cria grupos de "vencedores" e "perdedores", isso pode fazer a população em situação de rua ser vista como perdedora aos olhos da sociedade civil, e tais ONGs dizem o oposto, ou seja, que são vencedores no seu próprio estilo de vida.

Posto isso, houve uma vontade de entender, durante a pandemia, como são as opiniões e interações digitais sobre os invisíveis que estão fora da Internet, nas caixas de texto do perfil do SP Invisível no instagram, como já observamos no quarto capítulo. Com base nas recorrências previamente analisadas e dos comentários destacados no último capítulo, vimos

que, como resultado, há uma desesperança por parte de comentadores/as da dinâmica interacional com relação ao desacreditar na humanidade e à crítica social e política. Dessa maneira, concluímos que essa ausência de esperança é dada, também, por conta de uma vontade de comentadores/as de retornar a um passado fundamentalista e teocêntrico e de uma frustração com relação a um presente pautado pela racionalidade.

Mais precisamente, as recorrências encontradas nos comentários, foram: a) "A humanidade falhou": julgar e punir; b) "Botocadas e fúteis: o pequeno mundo dos privilégios; c) Deus, Jesus e amor como salvação; d) e "Somos luzes que faíscam no caos": distinção e crítica social. Concluímos que, apesar de serem diferentes entre si, juntas azem sentido nas dinâmicas dos comentários, uma vez que se complementam no que diz respeito a um desânimo atrelado a uma descrença de um futuro com tamanha desigualdade social.

Assim, nesta monografia, identificamos um conflito entre tecnologias que é muito interessante de ser explorado em pesquisas futuras, bem como diferentes pontos de vista sobre a extrema pobreza que podem ser encontrados nas caixas de texto. Esta pesquisa, por conta de incitar diversas outras observações, dá abertura para diferentes reflexões sobre mundo contemporâneo, fenômenos que são complexos da vida nas grandes cidades, extrema pobreza, invisibilidade social, população em situação de rua e interações digitais em redes sociais de organizações não-governamentais e/ou sem fins lucrativos.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Maria Magalhães; IRIART, Jorge Alberto Bernstein. Significados e práticas de saúde e doença entre a população em situação de rua em Salvador, Bahia, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 28, p. 115-124, 2012.
- BRAGA, Adriana; GASTALDO, Édison. O legado de Chicago e os estudos de recepção, usos e consumos midiáticos. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, n. 39, p. 78-84, 2009.
- BRAGA, Adriana. *Personas materno-eletrônicas: feminilidade e interação no blog Mothern*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- BRAGA, Adriana. Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais. *Desigualdade & Diversidade—Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio*, v. 9, p. 95-104, 2011.
- CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. Ubu Editora LTDA-ME, 2017.
- DE JESUS, Carolina Maria; MORAVIA, Alberto. *Quarto de despejo*. Livraria Francisco Alves, 1963.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Edições Loyola, 1996.
- G1. *Em 11 anos, população em situação de rua cresce mais de 16 vezes na cidade de SP, diz levantamento; nº passou de 3,8 mil para 64,8 mil*. Disponível em <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/02/21/em-11-anos-populacao-em-situacao-d-e-rua-cresce-mais-de-16-vezes-na-cidade-de-sp-diz-levantamento-no-passou-de-38-mil-para-648-mil.ghhtml>> Acesso em 10 de abril de 2024.
- GOVERNO FEDERAL. *Decreto Nº 7.053 DE 23 DE DEZEMBRO DE 2009*. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm> Brasília, 2009. Acesso em 13 de maio de 2024.
- INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS. *População em situação de rua no Brasil supera 281 mil*. Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea). Brasília, 2023.
- LEFEBVRE, Henri. *A cidade do capital*. Lamparina, 2021.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação: como extensões do homem*. Editora Cultrix, 1974.
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. *Sumário Executivo da Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua*. São Paulo: Meta Instituto de Pesquisa de Opinião. 2008.
- NONATO, Domingos; RAIOL, Raimundo Wilson Gama. Invisíveis Sociais: a negação do direito à cidade à população em situação de rua. *Revista de Direito Urbanístico, Cidade e Alteridade*, v. 2, n. 2, p. 81-101, 2016.
- POSTMAN, Neil. *Tecnopólio. A rendição da cultura à tecnologia*. São Paulo: Nobel, 1994.

SILVA, Sharllene Lívian Dias da et al. *O feminino negro e a rua: expressões do racismo e mulheres negras em situação de rua na cidade do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. 2023.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: *O fenômeno urbano*. 1979. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SP INVISÍVEL (@spinvisivel). *Instagram do SP Invisível*. Disponível em: <<https://www.instagram.com/spinvisivel/>> . Acesso em 10 de junho de 2024.

STRATE, Lance; BRAGA, Adriana; LEVINSON, Paul. *Introdução à Ecologia das Mídias*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, São Paulo: Edições Loyola, 2019.